

cinemateca

MAIO 2025



**A CINEMATECA COM O INDIELISBOA
BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO
CHARLIE SHACKLETON
DIRECTOR'S CUT**

**EDUARDO GEADA, O OLHAR DO DESEJO
CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ**

CINEMATECA JÚNIOR – SÁBADOS EM FAMÍLIA

O mês de maio começa com dois filmes sobre figuras de raparigas e mulheres com as suas lutas e desafios. Em *A DOMADORA DE BALEIAS*, uma rapariga maori na Nova Zelândia da atualidade, que desafia as tradições patriarcais pelo direito a liderar a sua tribo, e em *"CANÇÃO DE EMBALAR"*, um grupo de mulheres na Bulgária do início da década de 80, que foram mães enquanto cumpriam pena na prisão, para onde foram atiradas pelas dificuldades da vida.

Segue-se, em colaboração com o FIMFA, um clássico da ficção científica, *ET – O EXTRATERRESTRE*, uma homenagem ao papel das "formas animadas" na criação dos personagens fantásticos no cinema – neste caso, a personagem principal do extraterrestre – antes da era das imagens e efeitos especiais gerados por computador.

Os dois últimos filmes contam histórias que envolvem a relação conturbada de Portugal com as suas ex-colónias em África e o período que se seguiu sua independência. A história de Alex, um rapaz que perdeu os pais depois da passagem do pai pela guerra em Moçambique, n'*A IDADE MAIOR*. E a história de NAYOLA, sua mãe e filha, que se passa em Angola entre a guerra civil e a atualidade.

Na manhã do último sábado, não esquecer a oficina *ESTRELAS EM CARTAZ*, dedicada ao cartaz do cinema e às estrelas do cinema nele retratadas. Desta vez, vamos descobrir o filme *O FEITICEIRO DE OZ* e fazer para este filme um cartaz muito especial.



A IDADE MAIOR



WHALE RIDER

▶ **Sábado [03] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

WHALE RIDER

A Domadora de Baleias

de Niki Caro

com Keisha Castle-Hughes, Rawiri Paratene, Vicky Haughton, Cliff Curtis, Grant Roa

Nova Zelândia, Alemanha, 2002 – 101 min
legendado eletronicamente em português | M/6

Pai é uma rapariga de onze anos pertencente a uma tribo maori da Nova Zelândia. Filha e neta de chefes, acredita que o seu destino é tornar-se o novo líder da tribo. Mil anos de tradição ditam que o chefe deve ser do sexo masculino, e Pai, dividida entre o seu sonho e o seu amor pela família e as tradições da tribo, vai apesar de tudo lutar com todas as suas forças para cumprir o seu destino.

Sessão Descontraída

A sessão decorre numa atmosfera acolhedora, com regras mais flexíveis no que diz respeito ao movimento e ao ruído dos espectadores, e pode implicar pequenos ajustes na iluminação e no som, bem como no acolhimento do público, para melhor se adaptar às suas necessidades. Com a consultoria da associação Acesso Cultura.

▶ **Sábado [10] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

NANI-NA

"Canção de Embalar"

de Binka Jeliaskova

Bulgária, 1982 – 59 min / legendado eletronicamente em português e inglês | M/12

Binka Jeliaskova realizou apenas dois documentários, o esquema de produção búlgaro era muito hierarquizado, havendo uma clara distinção entre cinema de ficção, documentário e animação. Depois de *A SUA ÚLTIMA PALAVRA*, onde a realizadora contara a história de seis mulheres presas e condenadas à morte durante a Segunda Guerra Mundial, eis que regressa ao mesmo universo prisional, desta feita na Bulgária contemporânea. *CANÇÃO DE EMBALAR* retrata a prisão feminina de Sliven e foca-se, especificamente, na situação das crianças que nascem e crescem com as mães na prisão – e que, algumas delas, já adultas, acabam de novo encarceradas. O filme, realizado em 1982, foi proibido e acabou por só ser visto após a queda do regime soviético. A sessão integra o Ciclo "A Cinemateca com o IndieLisboa – Binka Jeliaskova: A Luta é um Murmúrio" (ver pág. 05). Primeira exibição na Cinemateca.

▶ **Sábado [17] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

E.T., THE EXTRA-TERRESTRIAL

E.T., o Extraterrestre

de Steven Spielberg

com Dee Wallace, Henry Thomas, Peter Coyote, Robert MacNaughton, Drew Barrymore

Estados Unidos, 1982 – 115 min / legendado em português | M/6

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Um dos mais célebres filmes de ficção científica jamais feito é também um belíssimo "conto de fadas", materializado pela magia de Steven Spielberg: num cenário de história de fadas (a nave chaleira, as bicicletas voadoras, a noite do Halloween), Spielberg conta a história de um pequeno "alien" esquecido na Terra que se refugia numa casa onde as crianças o escondem e o ajudam numa odisséia de regresso a casa. Um deslumbramento. Esta sessão acontece, também, no contexto de "A Cinemateca com o FIMFA LX25" (ver pág. 18).

▶ **Sábado [24] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

A IDADE MAIOR

de Teresa Villaverde

com Teresa Roby, Joaquim de Almeida, Maria de Medeiros, Ricardo Colares, Vincent Gallo

Portugal, Alemanha, 1991 – 119 min | M/12

No princípio dos anos 70, Portugal estava ainda em guerra com os movimentos de libertação das "províncias ultramarinas". Os homens eram obrigados a partir para terras que grande parte deles não saberia apontar no mapa. Nessas terras, ou morriam ou transformavam-se. Alex tinha só dez anos, mas lembra-se. Ficou sem pais no início da década de 70, tudo aconteceu em Portugal, mas a guerra não está inocente.

▶ **Sábado [31] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro**

NAYOLA

de José Miguel Ribeiro

Portugal, Holanda, Bélgica, França, 2022 – 83 min
falado em português | M/14

COM A PRESENÇA DE JOSÉ MIGUEL RIBEIRO,
MEDUSA E VIRGÍLIO ALMEIDA

Em Angola, as vidas, os sonhos e os segredos de três mulheres, Lelena (a avó), Nayola (a filha) e Yara (a neta) cruzam-se em dois tempos narrativos, distanciados catorze anos. No passado, Nayola parte à procura do marido, desaparecido em combate na guerra civil angolana, e envolve-se numa busca errática, audaz e mágica. No presente, o país está finalmente em paz, mas Nayola não voltou. Yara é uma jovem rapper e ativista dos direitos humanos, perseguida pela polícia nas ruas de Luanda, o que causa grande inquietação a Lelena. Uma noite, um intruso mascarado invade-lhes a casa, armado com uma catana. Um encontro como nunca elas poderiam ter imaginado. *NAYOLA* é uma história de amor, pulsações dos laços inquebráveis da maternidade, e uma canção de esperança num mundo melhor que nenhuma guerra é capaz de destruir. O último filme de José Miguel Ribeiro, baseado na peça *A Caixa Preta*, de José Eduardo Agualusa e Mia Couto. A sessão integra o Ciclo "Nos 30 Anos do Miradouro da Lua" (ver pág. 17). Primeira exibição na Cinemateca.

▶ **Sábado [31] 11h00 | Sala de leitura da Biblioteca**

ESTRELAS EM CARTAZ

Conceção e orientação: Maria Remédio

Duração: 2 horas | Preço: 4€ por participante

Para famílias (crianças acompanhadas de um adulto)

Marcação prévia até 26 de maio para
cinemateca.junior@cinemateca.pt

Que estrelas conhecemos dos cartazes de cinema? De que histórias saíram? Têm super-poderes? E nós, poderemos ser estrelas num cartaz de uma sala de cinema? Nesta oficina vamos conhecer a Dorothy, o Leão, o Homem de Lata e o Espantalho, e transformá-los a eles e a nós em estrelas num novo cartaz! Caberemos lado a lado com a nossa personagem preferida.

ÍNDICE

CINEMATECA JÚNIOR	02
A CINEMATECA COM O INDIELISBOA	
BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO	03
FOCO: CHARLIE SHACKLETON	05
DIRECTOR'S CUT	06
EDUARDO GEADA, O OLHAR DO DESEJO	07
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE IV)	12
KONRAD WOLF	14
CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING	15
SESSÃO ESPECIAL MUHNAC	16
NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA	17
COM A LINHA DE SOMBRA	18
A CINEMATECA COM O FIMFA LX25	18
A CINEMATECA COM O TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS	18
CALENDÁRIO	19/20

CAPA

BINKA JELIASKOVA [fotografia de rodagem PRIVARZANIYAT BALON
[Bulgária, 1967] cedida por Svetlana Ganeva]

AGRADECIMENTOS

Eduardo Geada, Jorge António, Teresa Villaverde, Sabine Lancelin, Núria Enguita (MAC/CCB), Céline Brouwez, Piet Bogaert (Cinémathèque royale de Belgique – CINEMATEK, Fondation Chantal Akerman), Paulo Branco, Pedro Costa, Nikolaus Wostry, Magomed Lualew (Austrian Film Archive); Hannah Prouse, Richard Hillard (British Film Institute); Rosen Spasov (Bulgarian Film Archive), Céline Brouwez (Cinémathèque Royale – Bruxelas); Natalie Gravenor (Deutsche Kinemathek); Hugo Aragão Lopes, Pedro P. Santos (RTP); Todd Wiener, Steven Hill (UCLA), Teresa Althen (Goethe Institut).

A CINEMATECA COM O INDIELISBOA BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

“ Fazer cinema é uma forma de confissão. Enquanto realizadora, não acredito que tenha uma missão, porém, apesar de todas as dificuldades, fazer cinema dá-me uma satisfação total. Talvez possa parecer estranho, mas ainda hoje, quando me sento para decidir um enquadramento, fico imensamente entusiasmada. Talvez isso possa irritar o operador de câmara ou os atores. Mas o certo é que me deixo levar pela pura excitação intelectual, uma vez que cada escolha de plano me confronta com algo desconhecido – algo estimulante que aguarda ser descoberto. ”



A BYAHME MLADI



GOLYAMOTO NOSHTNO KAPANE

A obra de Binka Jeliaskova revela todo o entusiasmo da criação. O seu cinema floresce no prazer da construção narrativa (a desmultiplicação de personagens, o espírito coral, o panorama sociológico), na força dos símbolos (as mãos em chamas de um revolucionário, um balão oracular, uma piscina sem água, uma foice que não corta a corda da forca) e na violência das parábolas (a transformação em estátua do herói, o apagar da luz da esperança, a sacralização de um burro de ouro, o trabalho de parto no corredor da morte, o salto para água com vestido de gala, o ritual suicidário do próprio cinema). Composta por apenas nove longas-metragens (seis ficções, dois documentários e um telefilme – das quais quatro foram proibidas pelo regime soviético), a sua filmografia abre um rasgo fulgurante na história do cinema moderno.

Estreando-se ainda no final da década 1950, com “A VIDA PASSA CALMAMENTE...”, o percurso de Binka Jeliaskova faz a travessia do realismo social e psicológico do pós-guerra para as ambiguidades da alegoria do novo individualismo materialista. Esse primeiro filme é o único correalizado com o seu marido, Hristo Ganev (autor da maior parte dos argumentos dos filmes da realizadora), sendo que o casal veio a Portugal em 1974, logo após o 25 de Abril, para a rodagem do documentário “PROCUREM EM P”. Assinado apenas por Ganev, aí propõe-se um retrato tão esperançoso quanto tímido da “revolução socialista em curso” (o filme foi exibido na Cinemateca, no passado mês de abril, no âmbito do Ciclo “Portugal 1974 – um sítio que não existe, um tempo que verdadeiramente existiu”, dedicado aos “olhares estrangeiros” sobre a revolução).

A referida travessia que o cinema de Binka Jeliaskova descreve (entre os anos 50 e o fim dos 80) pode entender-se a partir de três trípticos (que formam o políptico – e o político – da sua obra): a Trilogia da Resistência, composta pelos seus primeiros filmes em preto e branco, sobre histórias de resistência (antifascista, nos primeiros títulos, anti-autoritarismo no terceiro); a Trilogia do Cárcere, dedicada às prisões femininas, primeiro na ficção, com A SUA ÚLTIMA PALAVRA (sobre um campo de concentração nazi onde seis mulheres aguardam a condenação à morte), e depois com dois documentários dedicados à cadeia de Sliven; e, por fim, a Trilogia do Silêncio, sobre os temas do conformismo e da individualidade, retratados a partir da figura alternada de uma protagonista que percorre os últimos filmes da realizadora (oscilando de características, mas preservando o corpo da atriz Yanina Kasheva, nos dois primeiros filmes, ou polarizando-se e invertendo-se no derradeiro filme televisivo, “PELOS TELHADOS, À NOITE”).

Pioneira do cinema búlgaro, mulher engajada (enquanto realizadora e, antes disso, enquanto resistente *partisan* antifascista) e cineasta maior, Binka Jeliaskova desenvolveu um universo estético complexo e matizado, onde o idealismo romântico se alia à sátira política. Longamente esquecida e invisibilizada (o seu primeiro filme foi proibido por mais de três décadas, mas após a Queda do Muro foi acusada de continuar fiel aos ideais comunistas – o que garantiu o fim da sua carreira em 1989), a retrospectiva “Binka Jeliaskova: A luta é um murmúrio” é apenas a segunda mostra integral realizada fora da Bulgária. A apresentar inteiramente em cópias de 35mm (provenientes do Bulgarian National Film Archive), esta é uma oportunidade para descobrir a filmografia completa de “uma cineasta altamente imaginativa” (para citar o crítico e realizador Mark Cousins, autor de WOMEN MAKE FILM, que deu a Jeliaskova as honras de abertura do seu monumental filme de 14 horas dedicado à história do cinema feito por mulheres). As primeiras sessões do ciclo (nos dias 2 e 3 de maio) serão acompanhadas por Svetlana Ganeva, a filha de Binka Jeliaskova e Hristo Ganev, importante diretora de fotografia búlgara e responsável pela recuperação recente da obra da mãe. Todos os filmes são apresentados pela primeira vez na Cinemateca, com exceção de “ÉRAMOS JOVENS”, que integrou o ciclo “O Moderno Cinema da Bulgária: Diálogos com o Passado”, realizado no passado mês de outubro. A acompanhar o ciclo, a Cinemateca publica um novo número da coleção “Cadernos da Cinemateca” dedicado à obra da realizadora, onde se incluem traduções de entrevistas da realizadora e artigos sobre os seus filmes (textos traduzidos pela primeira vez do búlgaro), ensaios e textos críticos da autoria de Savina Petkova e Ricardo Vieira Lisboa (coordenador da publicação) assim como a republicação de textos de Lauro António, Eduardo Prado Coelho e José de Matos-Cruz, escritos aquando da exibição dos primeiros filmes de Binka Jeliaskova nas Semanas do Cinema Búlgaro realizadas em Lisboa entre 1975 e 1981.



- ▶ Sexta-feira [02] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [06] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

ZHVOTUT SI TECHE TIHO...

"A Vida Passa Calmamente..."
de Binka Jeliaskova, Hristo Ganev
com Bogomil Simeonov, Georgi Georgiev-Getz,
Emília Radeva
Bulgária, 1957-1988 - 104 min
legendado eletronicamente em português e inglês | M/12

SESSÃO DE DIA 2 COM A PRESENÇA DE SVETLANA GANEVA

O primeiro filme de Binka Jeliaskova foi corealizado com o seu marido, Hristo Ganev (argumentista de quase todos os filmes da realizadora), e inspira-se na própria experiência do casal enquanto resistentes *partisan*, fervorosos defensores do projeto comunista e, depois, artistas dissidentes e desiludidos com a corrupção do novo regime soviético. A VIDA PASSA CALMAMENTE... retrata a evolução das cumplicidades que se estabelecem entre um grupo de jovens revolucionários, após a morte heroica de um dos seus camaradas num confronto com o exército nazi. Dez anos depois da guerra, um dos sobreviventes torna-se membro do parlamento e decide homenagear o amigo morto, erguendo-lhe uma estátua. Só que essa não é a prioridade, quando o desemprego e a pobreza grassam. Ao ver-se criticado por alguns dos seus antigos irmãos de armas, inicia uma purga. O comité central do Partido Comunista Búlgaro acusou o filme de "denegrir a memória dos *partisan*", banindo-o durante 33 anos (daí que só tenha sido visto em 1988). Apesar de invisibilizado, o filme antecipa os filmes de protesto polacos e o cinema da Nova Vaga Checa sendo, provavelmente, o primeiro filme do Bloco de Leste a expor o totalitarismo estatal e a retratar a falência do ideal comunista. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [02] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [07] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

A BYAHME MLADI

"Éramos Jovens"
de Binka Jeliaskova
com Dimitar Buynozov, Rumyana Karabelova,
Lyudmila Cheshmedzhieva
Bulgária, 1961 - 110 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 2 COM A PRESENÇA DE SVETLANA GANEVA

ÉRAMOS JOVENS é a primeira longa-metragem que Binka Jeliaskova realiza a solo, uma história trágica de amor plenamente imersa no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, numa Bulgária sob ocupação nazi. Baseado na história de vida da realizadora e do seu marido (autor do argumento do filme), mostra, num estilo cinematográfico extraordinariamente expressivo, a realidade dos resistentes *partisan*, lutando mas não esquecendo de amar perante o avanço das tropas invasoras. Veska, uma adolescente politizada, junta-se a um grupo clandestino, onde conhece Dimo, um jovem revolucionário. Dimo e Veska lutam pela sua pátria e pelo seu amor, num clima de grande desconfiança, inclusive

entre "camaradas de armas", e face a um futuro incerto. Venceu o prémio principal do Festival de Moscovo e foi um sucesso popular retumbante, tendo sido visto pela maioria dos búlgaros aquando da sua primeira passagem pelas salas. É considerado o primeiro filme búlgaro realizado por uma mulher e teve as honras de abertura da monumental série de Mark Cousins, WOMEN MAKE FILM.

- ▶ Sábado [03] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [08] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PRIVARZANIYAT BALON

"O Balão Cativo"
de Binka Jeliaskova
com Georgi Kaloyanchev, Grigor Vachkov, Ivan Bratanov
Bulgária, 1967 - 98 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

SESSÃO DE DIA 3 COM A PRESENÇA DE SVETLANA GANEVA

Um enorme balão-barragem aparece nos céus de uma pequena aldeia do interior rural da Bulgária. Os camponeses tentam amarrar o mastodonte flutuante, sem sucesso. O vento sopra e o enorme balão segue viagem. Aterrorizados por aquela estranha criatura, os aldeãos iniciam uma perseguição que vai aumentando à medida que o balão vai cruzando as aldeias vizinhas. Os camponeses lançam todo o tipo de especulações sobre aquele objeto extravagante, tão belo e tão livre. Em contrapartida, o próprio balão, do alto da atmosfera, comenta a pequenez e a ignorância da humanidade. A alegoria política foi entendida pelo Partido Comunista Búlgaro como "um ataque vicioso" à autoridade do estado (em particular por causa de uma cena com um burro) e o filme foi banido de todos os ecrãs (no país e no estrangeiro, mesmo quando já existiam contratos de distribuição para a Europa e EUA). Segundo a crítica Neda Stanimirova, trata-se de um filme "que faz a transição entre o moderno e o pós-moderno. Um filme que, em grande medida, antecipa o temperamento balcânico de Emir Kusturica - entre o grotesco e o trágico, o carnavalesco e o absurdo." Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sábado [03] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [09] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

POSLEDNATA DUMA

A Sua Última Palavra
de Binka Jeliaskova
com Iana Guirova, Tzvetana Maneva, Aneta Petrovska
Bulgária, 1973 - 118 min
legendado eletronicamente em português e inglês | M/12

SESSÃO DE DIA 3 COM A PRESENÇA DE SVETLANA GANEVA

Doze anos depois da estreia do seu último filme (e depois de dois dos seus três filmes terem sido proibidos), Binka Jeliaskova regressa à produção com aquele que foi, durante a sua vida, o seu filme com maior reconhecimento internacional (foi o único dos seus filmes a estreiar comercialmente em Portugal, no Verão quente de 1975, e antes disso havia sido selecionado para a Competição Oficial de Cannes). A SUA ÚLTIMA PALAVRA retrata os últimos dias de um grupo de seis mulheres condenadas à morte, prisioneiras políticas e resistentes antifascistas que lutam, até ao fim, contra a presença nazi. Com argumento da própria realizadora, o filme prescinde da linearidade narrativa, alternando o horror do presente (a prisão) com o passado (as vidas que as levaram até ali) e o futuro (a celebração da sua heroicidade). Dominado por uma montagem dinâmica, onde a simbologia pagã se encontra com a cinefilia (Jeliaskova homenageia A PAIXÃO DE JOANA D'ARC, de Carl Th. Dreyer), este é, possivelmente, o mais tocante dos filmes da cineasta búlgara. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [05] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [08] 19h30 | Sala Luís de Pina

BASEYNAT

"A Piscina"
de Binka Jeliaskova
com Kosta Tsonev, Yanina Kasheva, Kliment Denchev
Bulgária, 1977 - 148 min
legendado eletronicamente em português e inglês | M/12

Três personagens conhecem-se ao redor de uma piscina:

um arquiteto de meia-idade que perdeu a mulher num acidente (Apostol), uma adolescente que acaba de sofrer um desgosto de amor (Bella) e um jovem ator algo errático e desconcertante (Boyan). A solidão do viúvo alia-se à desilusão romântica da rapariga e ao espírito mimético do ator, as relações desenvolvem-se numa trama complexa, onde a amizade, o amor, o desejo e a farsa se confundem. Mariana Hristova chamou-lhe um "triângulo amoroso existencial" carregado de elementos autobiográficos. Já Eduardo Prado Coelho, depois de ver o filme na sala Estúdio Apolo 70, em 1978, escreveu "A PISCINA é (...) um curioso JULES ET JIM à maneira e à hora búlgara. Em primeiro lugar, uma irritação cutânea à superfície de uma sociedade cromada; ou, se quiserem, um deixar-se cair vestida numa bela piscina em nome da cultura física e da apologia da saúde. É o adoecer no salto. É permitir que a doença revele a estranheza de certas personagens marginais, mas coincidentes." O filme marca o início daquela que pode ser considerada como a Trilogia do Silêncio, seguida por O GRANDE BANHO NOTURNO e PELOS TELHADOS, À NOITE. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [05] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sexta-feira [09] 19h30 | Sala Luís de Pina

GOLYAMOTO NOSHTNO KAPANE

"O Grande Banho Noturno"
de Binka Jeliaskova
com Yanina Kasheva, Malgorzata Braunek,
Tanya Shahova
Bulgária, 1980 - 144 min
legendado eletronicamente em português e inglês | M/12

Todos os anos, um grupo de amigos muito diverso (de diferentes gerações, com diferentes profissões) junta-se numa povoação da costa búlgara do Mar Negro, na altura do Verão, para passar as férias em conjunto e levar a cabo uma celebração estival (um banquete noturno seguido de mergulho no mar) que, entretanto, se tornou numa tradição. Tanto é que, para alguns, este momento anual se transformou numa pesada obrigação "familiar". É, justamente, o aborrecimento que os impele a organizarem um perigoso jogo de vida ou morte: uma dança pagã que



envolve uma corda de força. A "família" desmorona-se e todos procuram desculpar-se. Porém uma questão permanece: pode a preguiça espiritual ser pior que a morte física? O GRANDE BANHO NOTURNO compõe-se como uma alegoria oblíqua de múltiplos sentidos, sendo simultaneamente o mais festivo dos filmes de Binka Jeliaskova, mas também o mais meditativo e onírico. O filme foi selecionado para o Festival de Cannes, onde foi apresentado na secção Un Certain Regard. Corresponde ao segundo tomo da Trilogia do Silêncio com que a realizadora encerrou a sua filmografia.

► Quarta-feira [07] 19h30 | Sala Luís de Pina

LICE I OPUKO

"Cara e Coroa"

de Binka Jeliaskova

Bulgária, 1982-1989 - 129 min

legendado eletronicamente em português e inglês | M/12

Binka Jeliaskova só realizou dois documentários, mas os dois que realizou são a demonstração cabal do seu olhar, tão acintoso quanto humanista. Depois de A SUA ÚLTIMA PALAVRA, onde a realizadora contara a história de seis mulheres presas e condenadas à morte durante a Segunda Guerra Mundial, eis que regressa ao mesmo universo prisional no feminino, desta feita na Bulgária contemporânea. Os dois filmes - CANÇÃO DE EMBALAR e CARA E COROA - retratam as vidas das mulheres encarceradas na prisão de Sliven (então a única prisão feminina da Bulgária). CARA E COROA conta a história de várias daquelas mulheres, propondo o retrato de um país onde os pobres são forçados a roubar e as mulheres são forçadas a defender-se da violência doméstica ou a vender os próprios filhos. O sistema prisional como sintoma de um círculo vicioso que perpetua as desigualdades de classe e de género. Os dois filmes, realizados em 1982, foram proibidos e acabaram por só ser vistos após a queda do regime soviético.

► Sábado [10] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NANI-NA

"Canção de Embalar"

de Binka Jeliaskova

Bulgária, 1982 - 59 min

legendado eletronicamente em português e inglês | M/12

Binka Jeliaskova realizou apenas dois documentários, o esquema de produção búlgaro era muito hierarquizado, havendo uma clara distinção entre cinema de ficção, documentário e animação. Depois de A SUA ÚLTIMA PALAVRA, onde a realizadora contara a história de seis mulheres presas e condenadas à morte durante a Segunda Guerra Mundial, eis que regressa ao mesmo universo prisional, desta feita na Bulgária contemporânea. CANÇÃO DE EMBALAR retrata a prisão feminina de Sliven e foca-se, especificamente, na situação das crianças que nascem e crescem com as mães na prisão - e que, algumas delas, já adultas, acabam de novo encarceradas. O filme, realizado em 1982, foi proibido e acabou por só ser visto após a queda do regime soviético. O filme está programado numa sessão "Cinemateca Júnior - Sábados em Família" (ver pág. 02). Primeira exibição na Cinemateca.

► Sábado [10] 19h30 | Sala Luís de Pina

NOSHTEM PO POKRIVITE

"Pelos Telhados, À Noite"

de Binka Jeliaskova

com Todor Kolev, Delyana Hadzhiyankova, Stanka Kalcheva

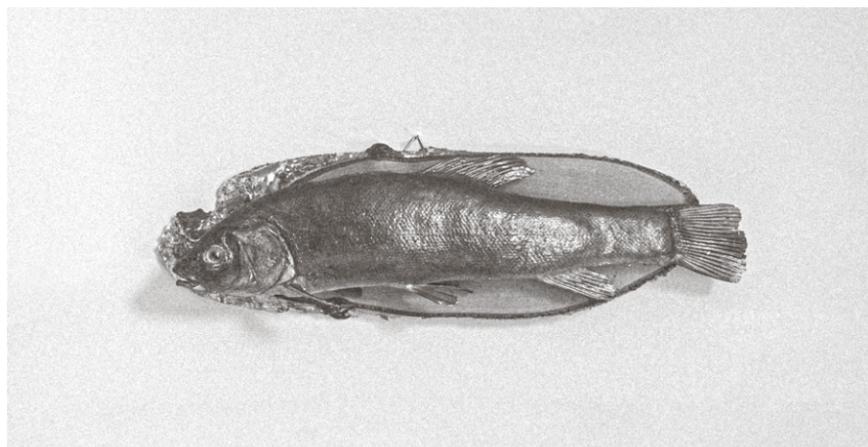
Bulgária, 1988 - 149 min

legendado eletronicamente em português | M/12

A solidão devassa a sociedade moderna. Num apartamento em Sófia vivem duas raparigas com o mesmo nome, Nadezhda (que significa Esperança), mas que não podiam ser mais diferentes. Uma é grande e a outra pequena. Uma é decidida e vive isolada do mundo, a outra vive para cuidar daqueles que a rodeiam (em particular do seu avô, perdido nas suas memórias). Uma tem um único objetivo na vida, encontrar um marido rico e velho que lhe deixe uma choruda herança - perceberá que anda em busca do próprio pai incógnito, que a mãe fez por esconder -, a outra faz do seu dia-a-dia uma luta contra a rudeza e a maldade. No entanto, aos poucos, as duas Nadezhda vão trocando papéis, tornando-se nas faces de uma mesma moeda. Com o início da Perestroika, o panorama político na Bulgária alterou-se. A decadência do poder estatal levou ao declínio da produtora de cinema nacional, os estúdios Boyana. Binka Jeliaskova virou-se então para a televisão e comentou o estado de espírito nacional nesse período de transição. PELOS TELHADOS, À NOITE é o seu único filme televisivo, originalmente dividido em dois episódios, e encerra a Trilogia do Silêncio. Primeira exibição na Cinemateca, a exibir em cópia digital.

FOCO: CHARLIE SHACKLETON

Iniciada há pouco mais de uma década, a obra do realizador britânico (e artista multimédia, crítico e ensaísta) Charlie Shackleton, nascido em 1991, investiga e analisa o próprio cinema, tanto pela sua história como pela sua materialidade. Neste Foco serão exibidos 11 dos seus 15 filmes (5 longas e 6 curtas, a meio caminho entre o cinema e a arte performativa), entre os quais THE AFTERLIGHT, filme de uma única cópia em 35mm que intencionalmente se degrada a cada projeção, e o mais recente ZODIAC KILLER PROJECT, premiado em Sundance no início do ano. Charlie Shackleton estará em Lisboa para acompanhar esta retrospectiva e para uma conversa sobre a sua obra.



FISH STORY

► Quarta-feira [06] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Quarta-feira [07] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FEAR ITSELF

de Charlie Shackleton

Reino Unido, 2015 - 88 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE CHARLIE SHACKLETON NO DIA 07

Uma reflexão pessoal e ensaística sobre o medo e a sua relação com o cinema. À boleia de uma quantidade impressionante de cenas retiradas de filmes maioritariamente de terror ou de obras de teor fantástico ou distópico, Charlie Lyne, mais tarde conhecido como Charlie Shackleton, desenha um percurso eminentemente pessoal sobre o cinema que desafia os limites da imaginação e nos encoraja a enfrentar as zonas escuras da experiência humana. Com narração de Amy E. Watson e música de Jeremy Warmsley, esta é uma carta de amor cinéfila ao escuro da sala, o lugar da primeira assombração. Escreveu Thirza Wakefield (*Sight & Sound*): "É um prazer - embora do tipo inquietante - ter a atenção chamada para tais cenas, cuja sutileza tendemos a não notar quando vemos um filme de terror do início ao fim - e não apenas na primeira vez."

► Terça-feira [06] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [10] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

ZODIAC KILLER PROJECT

de Charlie Shackleton

Reino Unido, 2025 - 88 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE CHARLIE SHACKLETON NO DIA 10

O ponto de partida é o fracasso do projecto do realizador britânico Charlie Shackleton em torno do famoso *serial killer* conhecido pelo nome Zodiac, que originou um dos filmes de maior sucesso crítico de David Fincher. Face à impossibilidade de concretizar este seu ambicioso projecto, o realizador, conhecido pelos seus ensaios *found footage*, produziu uma metarreflexão sobre o documentário que pretendia realizar, tirando partido de um jogo lúdico com as imagens, recheado de referências diretas e indiretas ao género do *thriller* ou de investigação criminal. A narração semi-improvisada é do próprio Shackleton e as imagens por si produzidas evocam o cinema de James Benning. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Quarta-feira [07] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

BEYOND CLUELESS

de Charlie Shackleton

Reino Unido, 2014 - 89 min / legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE CHARLIE SHACKLETON

Os "filmes adolescentes" americanos de finais dos anos

noventa a início de dois mil ou a adolescência numa visão cinematográfica "de género" dessa altura são o terreno do documentário de estreia de Charlie Lyne (assinatura inicial de Charlie Shackleton), narrado pela atriz Fairuza Balk, um rosto dessa voga, desenhado a partir de centenas de excertos de filmes numa montagem por capítulos de inúmeras recorrências. "Em parte carta de amor, em parte biópsia, a análise documental dos 'teen movies' de Charlie Lyne [Charlie Shackleton] está cheia de lampejos de loucura. Não desmerecendo o que é próprio da adolescência" (Ryan Gilbey). O filme passou pela primeira vez na Cinemateca em 2015, no âmbito da rubrica Director's Cut do IndieLisboa.

► Quinta-feira [08] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

CAMERA TEST (KING CADBURY)

Reino Unido, 2024 - 7 min

LASTING MARKS

Reino Unido, 2018 - 14 min

PERSONAL TRUTH

Reino Unido, 2017 - 18 min

MISSING EPISODE

Reino Unido, 2017 - 30 min

COPYCAT

Reino Unido, 2015 - 8 min

FISH STORY

Reino Unido, 2017 - 14 min

Filmes de Charlie Shackleton

legendados eletronicamente em português | M/12

duração total da projecção: 91 min

COM A PRESENÇA DE CHARLIE SHACKLETON

CAMERA TESTE (KING CADBURY) é um filme-experiência semi-improvisado, rodado parcialmente em 16 mm, assente numa recordação familiar do próprio Shackleton em torno de um anúncio dos anos 60 aos biscoitos de chocolate da marca Cadbury. A chamada "Operação Spanner", nome de código para a investigação policial em torno de práticas sadomasoquistas levadas a cabo por um grupo de homens em 1987, durante os dias finais da administração Thatcher, é o motor da narrativa de LASTING MARKS, sendo que, desta vez, ao contrário do que aconteceu à época, é dada voz aos homens que acabaram condenados, além de ser exibido um impressionante acervo de "provas" que permite reenquadrar esta história "mal contada". PERSONAL TRUTH é uma inquirição sobre como teorias da conspiração e "fake news" persistem na nossa imaginação. MISSING EPISODE recupera, num único plano protagonizado pelo artista Ross Sutherland, uma memória traumática associada ao visionamento

(interrompido) de um episódio da *soap opera* britânica EASTENDERS. E se, como se avança em COPYCAT, o primeiro filme de terror pós-moderno, cruzando o *slasher* com o *teen movie*, tivesse sido realizado por um amador de 19 anos hoje caído no esquecimento? Em breves minutos, Charlie Shackleton, que nunca escondeu o seu fascínio pelos dois (sub)gêneros (vide BEYOND CLUELESS e FEAR ITSELF), narra a história de Rolfe Kanefsky com a participação do próprio, avançando a audaciosa tese de que o seu THERE'S NOTHING OUT THERE terá exercido uma influência decisiva nalgum cinema de terror dos anos 90. Em inglês, "fishy" significa algo ou alguma coisa que se parece com um peixe ou inspira dúvida e suspeição. FISH STORY baseia-se numa anedota (real ou imaginária?) relativa a um encontro organizado em 1980 na ilha galesa de Anglesey em que só pessoas com sobrenomes de peixe eram admitidas. Primeiras apresentações na Cinemateca.

► Sexta-feira [09] 21h00 | Sala M. Félix Ribeiro

THE AFTERLIGHT

de Charlie Shackleton

Reino Unido, 2021 – 82 min
legendado eletronicamente em português | M/12

COM A PRESENÇA DE CHARLIE SHACKLETON

Filme de compilação onde se reúnem excertos de centenas de títulos do mundo inteiro compondo um elenco internacional com um ponto em comum: todos os atores que aparecem estão já mortos. A isso junta-se uma outra particularidade: só existe uma única cópia de THE AFTERLIGHT, em 35 mm. Não existem ficheiros digitais, negativos ou outros materiais. O filme existe apenas como uma cópia única que, a cada exibição, vai ganhando os riscos próprios da usura até que, inevitavelmente, desaparecerá (e com ele a memória distante dos mortos). Anda a circular pelo mundo, desde 2021, sendo que a primeira (tentativa de) passagem pela Cinemateca, em 2024, ficado marcada pelo transvio da cópia, o que impossibilitou a sua exibição tal como previsto e levou a que se especulasse sobre se teria chegado ao fim a vida pública de THE AFTERLIGHT. Primeira apresentação na Cinemateca.

► Sábado [10] 17h00 | Esplanada (39 Degraus)

CONVERSA COM CHARLIE SHACKLETON O ENSAIO COMO CINEMA, O CINEMA COMO ENSAIO

Charlie Shackleton é um exímio contador de histórias que tem explorado os limites do filme-ensaio, transformando a experimentação formal e o material de arquivo, sejam filmes ou memórias, numa reflexão sobre o próprio cinema, mas também sobre sermos humanos. Esta conversa, com a presença do realizador, propõe uma análise da sua obra, colocando-a em diálogo com o estado atual da crítica de cinema, onde a escrita tradicional persiste, lado a lado com formatos mais dinâmicos e efémeros. Como se transforma o pensamento sobre cinema num ecossistema de consumo veloz? Que espaço resta para o aprofundamento analítico na era da viralização?

DIRECTOR'S CUT

Nesta secção do Indielisboa que revisita a História do cinema e o seu património, apresentamos 5 filmes em novas cópias digitais recentemente restauradas.

► Sexta-feira [02] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Segunda-feira [05] 19h30 | Sala Luís de Pina

DIFERENTE

de Luis María Delgado

com Alfredo Alaría, Manuel Monroy, Sandra Le Brocq,
Manuel Barrio

Espanha, 1962 – 91 min
legendado eletronicamente em português e inglês | M/12

SESSÃO DE DIA 2 COM APRESENTAÇÃO

Alfredo (Alfredo Alaría – a coincidência do nome demonstra bem a dimensão autorreflexiva do filme, já que além de protagonista, Alaría foi também coargumentista e responsável pelas coreografias do filme) é o filho "hedonista" e "excêntrico" de uma família rica e conservadora. O seu amor ao teatro e à dança leva-o a conviver com "más companhias". O irmão mais novo e pai tudo fazem para pôr ordem no seu estilo de vida libertino, mas a boémia canta mais alto. DIFERENTE é um extravagante musical *queer* feito em plena Espanha franquista. Pejado de insinuações homoeróticas (por vezes muito pouco subtis), o filme tem como protagonista uma personagem ostensivamente *gay* cujo desejo é representado sem moralismos, e, ainda assim, conseguiu escapar à censura ("não lhe retiraram um único fotograma, nem um. O primeiro a sair do visionamento foi o Padre Benito que exclamou: 'É o primeiro filme artístico que vi na vida!'", recordou anos depois o realizador Luis María Delgado). O crítico e programador Olaf Möller, convidado pela revista *Sight and Sound* a escolher as melhores "pérolas escondidas" da história cinema descreveu-o como "um filme *camp avant la lettre* feito com um orçamento generoso. É de arregalar os olhos. É de fritar os miolos. É único. É um verdadeiro pioneiro." Primeira apresentação na Cinemateca, a exhibir em nova cópia digital.

► Sexta-feira [02] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Segunda-feira [05] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

IRACEMA, UMA TRANSA AMAZÔNICA

de Jorge Bodanzky, Orlando Senna

com Edna de Cássia, Paulo César Pereio, Lúcio dos Santos, Conceição Senna, Elma Martins

Brasil, R. F. Alemanha, 1975 – 96 min / legendado em inglês | M/12

O projeto megalómano da Rodovia Transamazônica, que pretendia construir uma autoestrada de oito mil quilómetros

que ligasse a costa atlântica (em João Pessoa) à fronteira com o Peru, foi levado a cabo durante a Ditadura Militar Brasileira e foi – naturalmente – deixado inacabado. A dupla de realizadores Jorge Bodanzky e Orlando Senna encenam este filme semidocumental que acompanha duas personagens, um camionista que transporta a madeira resultante do desmatamento da floresta, e Iracema, uma jovem de 15 anos que, por necessidade, se entrega à prostituição. Bodanzky, jornalista de formação, fez uma reportagem sobre a situação de miséria e grilagem (ocupação ilegal das terras amazônicas para proveito comercial) e, com base no que testemunhou, encontrou financiamento alemão para produzir IRACEMA. Rodado em modo guerrilha, o filme contrariava a propaganda neocolonial do regime, pelo que seria proibido pela ditadura. Um marco essencial na história do cinema brasileiro, o filme é agora apresentado em nova cópia digital.

► Sábado [03] 19h30 | Sala Luís de Pina

► Sábado [10] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LES LÈVRES ROUGES

"Os Lábios Vermelhos"

de Harry Kümel

com Delphine Seyrig, John Karlen,
Danielle Ouimet, Andrea Rau

Bélgica, França, R. F. Alemanha, 1971 – 108 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

A atriz, realizadora e ativista Delphine Seyrig, depois de trabalhar com Alain Resnais, William Klein, Marguerite Duras, Jacques Demy ou François Truffaut (e antes de se cruzar com Buñuel, Don Siegel e, claro, Chantal Akerman) participou num improvável filme de género assinado por um jovem cineasta belga (era apenas a sua segunda longa-metragem), de seu nome Harry Kümel. Partindo da lenda de Elizabeth Bathory, uma condessa húngara que terá assassinado jovens mulheres nos séculos XVI e XVII, o realizador transfere a ação para o presente, reinventado a condessa como uma vampira de apetites sáficas. Seyrig dá corpo a esta mulher. Rodado maioritariamente na pitoresca Bruges, durante a época baixa, a vila medieval e os hotéis vazios surgem como cenário para esta que é uma perversa história de libertação e empoderamento feminino. Primeira apresentação na Cinemateca, o filme será apresentado em nova cópia digital restaurada sob a supervisão do realizador.

► Terça-feira [06] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [09] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

KHAKE SAR BEH MOHR

"O Solo Selado"

de Marva Nabili

com Flora Shabaviz

Irão, 1977 – 90 min
legendado em inglês e eletronicamente em português | M/12

Há cerca de dois anos, no início de 2023, a Cinemateca apresentou o Ciclo "Tijolos e Espelhos – O Cinema Iraniano Revisitado (1955–2015)" ao longo de dois meses, num programa que continha mais de 50 títulos. KHAKE SAR BEH MOHR foi um dos filmes que não foi possível apresentar à data, por não haver uma cópia disponível. Apresenta-se agora aquela que é a primeira longa-metragem (ou pelo menos, a mais antiga que ainda sobrevive) realizada por uma mulher no Irão. Mas mais do que um mero marco histórico, KHAKE SAR BEH MOHR é uma obra de uma beleza desmedida, um retrato da transformação de uma sociedade tradicional através da figura de uma jovem rapariga – um filme que acompanha "o movimento das coisas" de num novo Irão que se anuncia. Marva Nabili, que havia estudado nos EUA, estreia-se com este filme onde o estilo que viríamos associar ao cinema de Abbas Kiarostami se cruza com o rigor de Chantal Akerman e a potência simbólica de Robert Bresson. Primeira apresentação na Cinemateca, o filme será apresentado em nova cópia digital restaurada.

► Quinta-feira [08] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CAFÉ FLESH

de Stephen Sayadian

com Andy Nichols, Paul McGibboney, Michelle Bauer

EUA, 1982 – 74 min
legendado eletronicamente em português | M/18 – Pornográfico

E se o realizador de DR. CALIGARI fizesse um filme pornográfico que fosse simultaneamente uma homenagem aos musicais da MGM (nomeadamente Busby Berkeley), um *film noir* de ficção científica pós-apocalíptica e um manifesto situacionista proto-*punk* contra a atmosfera de desconfiança da Guerra Fria? Pois bem, fê-lo e chama-se CAFÉ FLESH. No rescaldo de um evento nuclear, 99% dos sobreviventes não suportam o toque humano e não conseguem ter relações sexuais (os *sex negatives*). A minoria, os *sex positives*, transformam-se em estrelas do entretenimento, montando um teatro erótico-musical para expiação das frustrações sexuais dos demais. Considerado, pelo próprio Stephen Sayadian um "filme de *freaks*, com *freaks* e para *freaks*", seria rejeitado como filme pornográfico – pela sua dimensão provocadora e iconoclasta – e seria remontado (sem os planos mais explícitos) como *midnight movie*, tornando-se assim um objeto de culto. O filme há muito que circulava secretamente pelo *underground* da cinefilia em versões amputadas, mas acaba de ganhar uma nova cópia restaurada digitalmente que repõe a versão original não censurada. Primeira apresentação na Cinemateca.

EDUARDO GEADA, O OLHAR DO DESEJO

Se é certo que vários foram os cineastas do Novo Cinema português que encontraram na crítica uma forma de expressão alternativa à prática do cinema – com especial destaque para Fernando Lopes, António-Pedro Vasconcelos, João César Monteiro ou Alberto Seixas Santos – menos são os casos dos críticos de cinema que, por causa da sua reflexão, chegaram à prática. Eduardo Geada (à semelhança de Lauro António) corresponde à segunda tipologia: crítico de cinema feito realizador – e mais que isso, crítico de cinema feito realizador justamente por causa daquilo que escrevia nas revistas e jornais. Dito doutro modo, passar de crítico a cineasta é passar do *desejo do olhar* ao *olhar do desejo*.

Nascido em 1945, começou a escrever profissionalmente sobre cinema aos 23 anos na *Vértice – Revista de Cultura e Arte* (uma das revistas mais militantemente de esquerda, próxima do movimento neorrealista), onde permaneceria como crítico até 1970. A partir daí, escreveu brevemente na *Seara Nova* (outro baluarte da resistência cultural à ditadura), e de forma continuada na *Rádio & Televisão*, na *Vida Mundial*, na *Cinéfilo* e – também – em jornais diários, com particular destaque nos *A Capital* e *República*. Foi a partir dos textos críticos que o ator e futuro realizador Artur Semedo se decidiu a desafiar Eduardo Geada a escrever e realizar uma longa-metragem de ficção. De facto, Semedo tornar-se-ia no produtor (ou diretor de produção) de quase todos os futuros filmes de Geada, naquela que se tornaria uma importante parceria criativa, onde a produção se aliou, igualmente, ao trabalho como intérprete. Aproveitando uma imposição legal que impelia a distribuidora Doperfilme ao financiamento de cinema português, Semedo encontrou na escrita de Geada o prenúncio de um cinema que conseguisse ser reflexivamente impúdico. Isto é, anteviu nas resenhas e ensaios assinados por Eduardo Geada uma série de preocupações estéticas e políticas (políticas porque estéticas) que naturalmente se desenvolveriam num cinema capaz de questionar e fazer implodir os *bons costumes da moral burguesa* – parafraseando o linguajar da época.

O filme que daí resultou, ousado e provocador, teve por título *SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL*. Trata-se de uma obra militante, na forma como expõe a hipocrisia dos comportamentos dominantes das altas classes e dos grupos ditos intelectuais, mas que tinha igualmente um enorme apelo popular – pelo despudor com que abordava a liberdade sexual, o prazer feminino, assim como as questões do fetichismo e do *voyeurismo*. Esse primeiro filme, saturado de símbolos e de uma riqueza imensa de subtextos, afirmaria Eduardo Geada como um cineasta verdadeiramente iconoclasta, isto é, aquele que trabalha para destruir as imagens que dominam os imaginários do desejo, da afirmação do poder, dos papéis de género ou da insurreição política. Destruir imagens para que dos seus escombros se possam erguer outras, eis o propósito do cinema de Eduardo Geada. Naturalmente que um filme desta natureza seria alvo da censura do Estado Novo. Apresentado de forma informal a membros da Censura e do recém-formado Instituto Português de Cinema, as recomendações seriam para a proibição total ou a aplicação de um grande número de cortes que tornariam a obra inconsequente. Graças ao 25 de Abril, nem uma coisa nem outra foram necessárias.

Durante o PREC, Eduardo Geada continuou a escrever na imprensa (já não textos de cobertura crítica das estreias comerciais, mas ensaios sobre a situação socioeconómica do cinema em Portugal, propondo o envolvimento ativo dos cineastas na revolução) e iniciou uma prática cinematográfica engajada. Destaque para o documentário de denúncia das políticas de desigualdade da ditadura – o violentíssimo (e muito atual) *LISBOA, O DIREITO À CIDADE* sobre as questões da habitação e da gentrificação (antes disso ser palavra) –; e a sátira ao poder do patronato a partir de uma peça de Dario Fo – *O FUNERAL DO PATRÃO*, onde a rebeldia se associa ao improviso, num filme repentista sobre a luta de classes –; e um filme que ficou inacabado sobre as Campanhas de Dinamização Cultural do MFA, nas quais o realizador participou enquanto animador – esse filme, *A REVOLUÇÃO ESTÁ NA ORDEM DO DIA*, chegou a ser rodado, mas acabou por nunca ser concluído (também pelas condicionantes impostas pelo 25 de Novembro – mas principalmente pelas atribuições do dito Verão Quente).

De qualquer modo, logo em 1974 Eduardo Geada preparava também aquela que viria a ser a sua segunda longa-metragem de ficção, *A SANTA ALIANÇA*, filme cuja produção se atrasaria em consequência das inevitáveis convulsões políticas pós-revolucionárias (ficaria concluído em 1978 – estreou na Quinzena dos Realizadores, em Cannes – mas só estrearia comercialmente em novembro de 1980). O que esse “atraso” produziu foi um olhar distanciado e, como tal, crítico, sobre o processo revolucionário, revisto agora como um teatro de personagens-tipo. A partir de uma companhia de teatro, que se rebela contra o encenador e toma as rédeas do seu ofício, o filme joga-se no choque entre a revolução que acontece nas ruas, e a permanência do *status quo*



SAUDADES PARA D. GENCIANA

doméstico: o papel subalterno das mulheres, o horror do aborto clandestino, a comercialização do sexo, a violência do consumismo. Entre o vermelho do sangue (das lutas e da interrupção voluntária da gravidez), o vermelho do tecido (do veludo das cortinas do teatro e da bandeira comunista) e o vermelho dos lábios (o desejo, a sedução, o incesto, a publicidade), *A SANTA ALIANÇA* é um filme que propõe uma reflexão a quente sobre o PREC, revendo-o já pelo prisma da desilusão. A iconoclastia continua a rodar, como a tómbola de uma máquina de lavar roupa.

Será com *MARIANA ALCOFORADO* (a partir das conhecidas *Letras portuguesas*) que o realizador faz a síntese do seu cinema, enquanto estabelece um novo paradigma para aquilo que virá a ser a sua obra cinematográfica posterior. É com este filme que Eduardo Geada passa a trabalhar textos pré-existentes e é também a partir desta média-metragem que se desenvolve o seu interesse pelo “filme de época”. Daí em diante, tanto no cinema – *SAUDADES PARA D. GENCIANA* e *PASSAGEM POR LISBOA* – como na série televisiva *LISBOA SOCIEDADE ANÓNIMA*, toda a produção do realizador será feita a partir de textos literários (José Rodrigues Miguéis, José Cardoso Pires, Fernando Pessoa, entre outros), passar-se-á em Lisboa (aliás, todos os filmes do realizador são eminentemente lisboetas – pode até defender-se que é o mais lisboeta dos cineastas portugueses) e tratará de representar as primeiras décadas do século XX (com especial interesse pelas atribuições da I República, pelas formas de subversão dos primeiros anos do Estado Novo, ou pela decadência moral dos últimos anos da ditadura).

Paralelamente ao trabalho para cinema e televisão, Eduardo Geada sempre manteve a produção escrita, a reflexão crítica e a investigação histórica. Esse trabalho ganhou visibilidade através da publicação de diferentes livros, em particular duas coletâneas de ensaios recolhidos do tempo da imprensa – *Cinema e Transfiguração e Poder do Cinema* – duas investigações de natureza sociopolíticas – *Cinema Espectáculo* e *O Imperialismo e O Fascismo no Cinema* – e dois trabalhos sobre a história e a teoria do cinema – *Estéticas do Cinema* (org.) e *Mundos do Cinema*. Esta produção reflete, em grande parte, os anos que dedicou ao ensino do cinema (praticamente três décadas, repartidas entre o Conservatório Nacional/Escola Superior de Teatro e Cinema, Escola Superior de Comunicação Social, Universidade Católica de Lisboa e Universidade de Berkeley).

Demasiado rebelde e politizado para integrar o Novo Cinema e já muito envolvido na prática e no pensamento do cinema inconformista para se aliar à geração de 1980, Eduardo Geada participa – na história do cinema português – de um momento de transição que reflete, igualmente, a transição do próprio país para a democracia. A instabilidade dessa situação histórica confere-lhe uma posição de exterioridade face os movimentos grupais – acentuada pela sua prática pioneira dentro da academia enquanto investigador de cinema. Teórico e prático (e prático porque teórico), Eduardo Geada produziu uma filmografia que não pode ser dissociada do seu pensamento enquanto crítico e do seu trabalho enquanto académico.

Assim sendo, a Cinemateca apresenta o Ciclo “Eduardo Geada, O Olhar do Desejo” (que apresenta toda a sua obra cinematográfica, uma parte significativa da sua produção televisiva e uma carta branca com dez títulos escolhidos pelo realizador) acompanhando-o com a publicação de um catálogo homónimo onde se espelha grande parte da sua tripla valência de crítico-realizador-professor. Assim, além de uma pequena antologia de textos críticos nunca antes colocados em livro, da publicação de ensaios teóricos e historiográficos revistos e de uma recolha ampla de testemunhos, o catálogo inclui igualmente textos inéditos de João Lopes, Ricardo Gross, Ricardo Vieira Lisboa (coordenador da publicação) e Tiago Bartolomeu Costa e republicações (revisões ou reformulações) de textos de Fernando Pernes, Jorge Leitão Ramos, Leonor Areal, Maria João Madeira, Pedro Mexia e Sónia Vespeira de Almeida. Além disso, o arranque da retrospectiva coincide com o lançamento em DVD de *SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL*, uma coedição da Cinemateca com a Academia Portuguesa de Cinema. Eduardo Geada estará presente em várias das sessões do Ciclo, para além de participar numa conversa sobre a sua obra no dia 21 de maio.

RETROSPETIVA



► Segunda-feira [12] 18h00 | Esplanada

Lançamento do DVD de *SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL* (coedição Cinemateca e Academia Portuguesa de Cinema) Apresentação de Eduardo Geada, Rui Machado, Paulo Trancoso

► Segunda-feira [12] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL

de Eduardo Geada

com Io Apolloni, Luísa Nunes, Carlos Ferreira, Artur Semedo

Portugal, 1974 – 101 min | M/12

Filmado em 1973, sem apoios e com um orçamento mínimo, o filme centra-se na história de Sofia (interpretada pela estreante Luísa Nunes) que, ao regressar do colégio suíço onde foi internada após o falecimento da mãe, descobre na relação do seu pai (Artur Semedo) com uma nova mulher (Io Apolloni) uma realidade equívoca à qual não conseguirá escapar. Os olhares e os corpos entrecruzam-se, através de jogos de espelhos, manipulações sexuais, filmes perversos e choques de classe. Para isso contribui a presença de Jorge (Carlos Ferreira), um jovem intelectual, professor de liceu, realizador de filmes amadores (mais ou menos eróticos) e leitor de Gustave Flaubert. Perdida nestas triangulações amorosas, Sofia deixa-se levar pelos fluxos do desejo, castigando-se pela sua entrega ao prazer. Organizado em três capítulos – Iniciação, Prática, Recapitulação – *SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL* é, segundo as próprias palavras do seu autor, um filme que “procura

desmontar algumas das obsessões da burguesia nacional”. Pela sua ousadia política e pelo seu retrato despudorado da sexualidade feminina, o filme seria considerado como “dissolvente dos valores morais estabelecidos” e acusado “de levantar intencionalmente problemas de ordem sociopolítica.” Ou seja, só estrearia depois do 25 de Abril, num ciclo de filmes proibidos. A exibir em nova cópia digital, produzida no âmbito do PRR.

► Terça-feira [13] 19h30 | Sala Luís de Pina

DAMAS AO BUFETE

de Eduardo Geada

Portugal, 1979 – 30 min

LISBOA, O DIREITO À CIDADE

de Eduardo Geada

Portugal, 1974-75 – 84 min

Duração total da projeção: 114 min | M/12

Como se reorganiza a cidade de Lisboa depois do 25 de Abril? Quem tem o “direito à cidade”? *LISBOA, O DIREITO À CIDADE* é um dos projetos produzidos pelo Departamento de Programas Sociopolíticos da RTP, que foi responsável por este e outros filmes que visavam documentar os principais problemas que atravessavam o país, como *ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO* de António-Pedro Vasconcelos. Com um ponto de vista assumidamente marxista que domina a voz *off*, *LISBOA, O DIREITO À CIDADE* é um documentário maioritariamente composto por planos-sequência em que Eduardo Geada discursa livremente sobre as imagens da cidade. O que impressiona é a acutilância do retrato e a sua perturbadora atualidade (vide a atual crise da habitação, a deficiência dos transportes, a segregação dos espaços urbanos). Filmado em 16mm e a preto e branco, numa belíssima fotografia de Manuel Costa e Silva, o filme foi exibido uma única vez na Cinemateca (em 2014, a propósito dos 40 anos do 25 de Abril), em formato Betacam. Será agora exibido em nova cópia digital, produzida no âmbito do PRR. A abrir a sessão, um episódio da série *TEMOS FESTA* (1979-1980, corealizada com Edgar Gonsalves Preto) dedicado à Sociedade Filarmónica Operária Amorense, no Seixal, e ao seu trabalho comunitário. *DAMAS AO BUFETE* será exibido em cópia digital, proveniente da RTP Arquivos.

► Quinta-feira [15] 19h30 | Sala Luís de Pina

MULHERES DE BARBA RIJA

de Eduardo Geada

Portugal, 1978 – 30 min

O FUNERAL DO PATRÃO

de Eduardo Geada

com Ângela Ribeiro, António Rama, Artur Semedo, Carlos César, Io Apolloni, Lia Gama, Luís Lello, Mário Viegas, Orlando Costa, Santos Manuel

Portugal, 1975 – 85 min

Duração total da projeção: 115 min | M/12

O FUNERAL DO PATRÃO corresponde à primeira adaptação da obra do dramaturgo (futuro Prémio Nobel da Literatura) Dario Fo em Portugal. No original ‘Il funerale del padrone’ (1969), esta é uma peça baseada num acontecimento que teve lugar perto de Milão: “A fábrica – a Magnetofoni Castelli – depois de greves e ocupações, tinha sido desocupada pela ‘força pública’ com os procedimentos habituais pouco elogiosos. Os trabalhadores ergueram uma tenda no exterior dos portões. Para atrair a atenção dos cidadãos, organizaram e improvisaram um verdadeiro espetáculo popular: o funeral do patrão” (do prefácio da edição italiana). Eduardo Geada traz esta peça para o contexto português, filmando-a para a RTP em pleno PREC (rodado entre abril e maio de 1975), com uma trupe de atores extraordinária, onde se conta a primeira aparição de Mário Viegas no cinema português. Eis uma reinterpretação da “cegada”, naquele que é um elogio à farsa popular e ao poder político da sátira. Antes, *MULHERES DE BARBA RIJA*, episódio da série *TEMOS FESTA*, acompanha os quatro membros da Travecoop, a cooperativa de travestis fundada por Belle Dominique que, pouco depois do 25 de Abril, veio romper todos os tabus no ‘Ronda 77’ (no Monte Estoril). Será exibido em cópia digital, proveniente da RTP Arquivos.

► Sexta-feira [16] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

A SANTA ALIANÇA

de Eduardo Geada

com Io Apolloni, Lia Gama, Henrique Viana, Helena Isabel

Portugal, 1977 – 119 min | M/12

Realizado em 1977, Eduardo Geada olha para trás, para dezembro de 1974, antecipando já o 11 de Março e o Verão Quente de 75. Para isso coloca dois mundos em confronto: de uma banda, uma companhia de teatro de revista que está a encenar uma peça no Parque Mayer (os ordenados estão em atraso, os atores e os técnicos ocupam o teatro e livram-se do empresário e do encenador, iniciando um processo de criação coletivo); da outra, uma família de financeiros cujo *pater familias* pretende aproveitar o tumulto social e económico para abrir o primeiro canal de televisão privado. A hipocrisia grossa entre as classes altas (o filme deu brado pela violenta e desconcertante cena em que, em silêncio, se efetua um aborto clandestino) e o cinismo contamina os proletários. Pelo meio há um jovem adolescente que desperta para a sexualidade, uma atriz que se radicaliza politicamente e outra que se prostitui. Todos desempenham o seu papel nesse palco revolucionário que foi o PREC. A terceira longa-metragem de ficção de

Eduardo Geada foi exibida na Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes, em 1978. A exibir em nova cópia digital.

► Segunda-feira [19] 19h30 | Sala Luís de Pina

O BANQUEIRO ANARQUISTA

de Eduardo Geada
com Santos Manuel, Manuel Marcelino, João Carlos Gorjão
Portugal, 1982 – 58 min

O HOMEM QUE NÃO SABE ESCREVER

de Eduardo Geada
com Ricardo Pais, Lídia Franco, Raquel Maria, Nuno Carinhas
Portugal, 1982 – 63 min
Duração total da projeção: 121 min | M/12

A partir do final dos anos 1970, Eduardo Geada iniciou uma colaboração regular com a RTP, realizando séries como TEMOS FESTA e RISCO INADIÁVEL (com Lagoa Henriques) ou até concursos televisivos de cariz cinéfilo como ÉCRAN MÁGICO. De qualquer modo, o seu projeto televisivo mais ambicioso foi LISBOA SOCIEDADE ANÓNIMA, série de seis telefilmes realizada entre 1981 e 1982. Cada “episódio” corresponde à adaptação de um conto ou novela de um autor português que tenha escrito sobre a cidade de Lisboa. Além disso, a série segue um fio cronológico, correspondendo cada filme a uma década diferente do século XX. Nesta sessão apresentam-se os dois primeiros telefilmes desta série, adaptações de Fernando Pessoa e Almada Negreiros, descrevendo as décadas de 1920 e 30 respetivamente. Trata-se de “cinema feito na televisão”, tanto mais que estes dois “episódios” foram os únicos que tiveram exibição em sala, tendo sido apresentados no Festival de Cinema da Figueira da Foz – sendo por isso os únicos dos quais existem cópias síncronas em 16mm (suporte em que serão apresentados).

► Quarta-feira [21] 19h30 | Sala Luís de Pina

MARIANA ALCOFORADO

de Eduardo Geada
com Lia Gama
Portugal, 1979 – 39 min

RITUAL DOS PEQUENOS VAMPIROS

de Eduardo Geada
com Duarte Nuno, Virgílio Castelo, José Pataca, João Franco, Maria Valente
Portugal, 1982 – 61 min
Duração total da projeção: 100 min | M/12

O quarto episódio da série LISBOA SOCIEDADE ANÓNIMA é uma adaptação de um conto de José Cardoso Pires originalmente publicado em 1963, no livro *Jogos de Azar*. A ação de RITUAL DOS PEQUENOS VAMPIROS decorre nos anos do pós-guerra, um período de insalubridade moral: quatro rapazes organizam a violação de uma rapariga menor a fim de evitar o casamento forçado de Simas Anjo que anteriormente aliciara a jovem e a ‘desonrara’. De facto, a legislação portuguesa dos anos 1940 ilibava de responsabilidades qualquer homem que ‘desonrasse’ uma menor desde que se provasse que ela tinha tido relações com outros homens. A hipocrisia e a misoginia, sancionadas pela lei, são trabalhadas a partir do retrato de algumas personagens “tipicamente lisboetas”, recorrendo abundantemente ao calão da época. RITUAL DOS PEQUENOS VAMPIROS será exibido em cópia digital, proveniente da RTP Arquivos. A abrir a sessão, apresenta-se (em cópia de 16mm) MARIANA ALCOFORADO, adaptação das “infiláveis” *Cartas Portuguesas*. Protagonizada por Lia Gama, esta média-metragem é, simultaneamente, a síntese do cinema engajado de Eduardo Geada e o momento de transformação da sua filmografia (que a partir daí passa a trabalhar o “filme de época” quase sempre a partir de textos literários). Eis o filme com a “mais bela fotografia a cores de todo o cinema português” (Jorge Leitão Ramos), considerado pelo próprio realizador (e por Eduardo Prado Coelho ou Manoel de Oliveira) o seu melhor filme.

► Quinta-feira [22] 19h30 | Sala Luís de Pina

RETRATOS DA MADEIRA: VIRGÍLIO TEIXEIRA

de Eduardo Geada
Portugal, 1989-90 – 29 min

IMPOSSÍVEL EVASÃO

de Eduardo Geada
com Artur Semedo, Maria do Céu Guerra, Manuel Cavaco, Lucilina Sobreiro
Portugal, 1983 – 55 min
Duração total da projeção: 110 min | M/12

IMPOSSÍVEL EVASÃO adapta a novela homónima de Urbano Tavares Rodrigues, no âmbito da série LISBOA SOCIEDADE ANÓNIMA. Tratando-se do quinto tomo da série, a ação decorre entre o final dos anos 1950 e o início da década seguinte (a ponte sobre o Tejo está em construção e começam a ouvir-se os alvares da guerra), retratando o dia a dia de Rosário (Maria do Céu Guerra), casada com um pequeno funcionário público (vivem num quarto alugado e estão sempre a contar os tostões), que encontra um amante de uma outra classe social e com outras posses. Rosário vê nele a possibilidade de se evadir do quotidiano rançoso em que se viu enredada. Tavares Rodrigues afirmou que “(...) se algum protesto (nesta história que eu quis quanto possível lisa e nua) de entre muitos outros protestos mais audivelmente se eleva, é o que visa os falsos pais, falsos maridos, falsos amantes, falsos mestres, falsos valentes.” A abrir a sessão, um episódio



O FUNERAL DO PATRÃO

da série RETRATOS DA MADEIRA, realizada por Eduardo Geada para a RTP Madeira, desta feita dedicado ao ator funchalense Virgílio Teixeira, rosto de vários filmes do cinema português das décadas de 1940 e 50, e provavelmente o mais internacional dos atores da sua geração (teve uma curta carreira em Hollywood, trabalhando com Robert Rossen, King Vidor ou David Lean). Os dois títulos serão apresentados em cópias digitais, provenientes da RTP Arquivos.

► Sexta-feira [23] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SAUDADES PARA DONA GENCIANA

de Eduardo Geada
com Estrela Novais, Luís Lucas, Hélder Costa, Maria do Céu Guerra, Artur Semedo
Portugal, 1984 – 82 min | M/12

Depois de adaptar o conto *Uma Viagem na Nossa Terra*, para a série LISBOA SOCIEDADE ANÓNIMA, Eduardo Geada regressa à obra de José Rodrigues Miguéis para filmar outra história do escritor, igualmente publicada no livro *Léah e Outras Histórias*. Tudo acontece numa pensão na Avenida Almirante Reis entre 1918 e 1926 (cuidadosamente reconstituída nos estúdios da Tobis). A ação decorre entre dois golpes, o de Sidónio Pais (1917) e o de Costa Gomes (28 de Maio de 1926): a turbulência da 1.ª República, os atentados dos grupos anarquistas, a transformação dos costumes (os “loucos anos 20”) e o sensacionalismo da imprensa. Mas tudo a partir do espaço doméstico, entre lençóis e toalhas de mesa, através de janelas e buracos de fechadura. Naquela pensão encenam-se amores e desamores, promessas e traições, um casamento em falência, o ressentimento acinzentado dos burocratas e a tragédia de Maria Alves, a atriz assassinada pelo empresário teatral, cuja investigação tornaria famoso Reinaldo Ferreira (o Repórter X) e inspiraria o filme O TÁXI N. 9297 (que Eduardo Geada homenageia). Uma reflexão íntima sobre o momento histórico e a situação social que “prepararam” o Estado Novo. A exibir em nova cópia digital, produzida no âmbito do PRR.

► Terça-feira [27] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

STREET OF NO RETURN

Rua Sem Regresso
de Samuel Fuller
com Keith Carradine, Valentina Vargas, Andréa Ferréol, Bernard Fresson
França, Portugal, 1989 – 92 min / legendado em português | M/12

Michael (Keith Carradine) é um cantor de sucesso até à noite em que encontra a espampanante Célia (Valentina Vargas). A sua vida resvala, então, para a violência e o horror. Célia é a melhor amiga de Eddie (Marc de Jonge), amado até aos ciúmes por Bertha (Rebecca Potok). Entre tais personagens, geram-se conflitos e confrontos num cenário de motins raciais, carreiras arruinadas, doença e vagabundos em bairros degradados de uma cidade anónima. Essa cidade é... Lisboa, já que o filme tinha coprodução da Animatógrafo, de António da Cunha Telles. O derradeiro filme de Samuel Fuller, inspirado no romance homónimo de David Goodis, corresponde ao momento da carreira do cineasta americano em que este se exilou na Europa e continuou a filmar com orçamentos muito reduzidos. É, como tal, um filme desiludido e amargurado, um *neo-noir* sujo e distópico. Num dos papéis secundários surge Sérgio Godinho que, recentemente, recordou assim a rodagem lisboeta: “O Samuel Fuller era um grande croco. Era um tipo pequenino que fumava uns charutos quase tão grandes quanto ele. Ele veio fazer o STREET OF NO RETURN a Portugal e eu tive a extraordinária oportunidade de contracenar com o Keith Carradine.” Eduardo Geada foi o primeiro assistente de realização.

► Quarta-feira [28] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

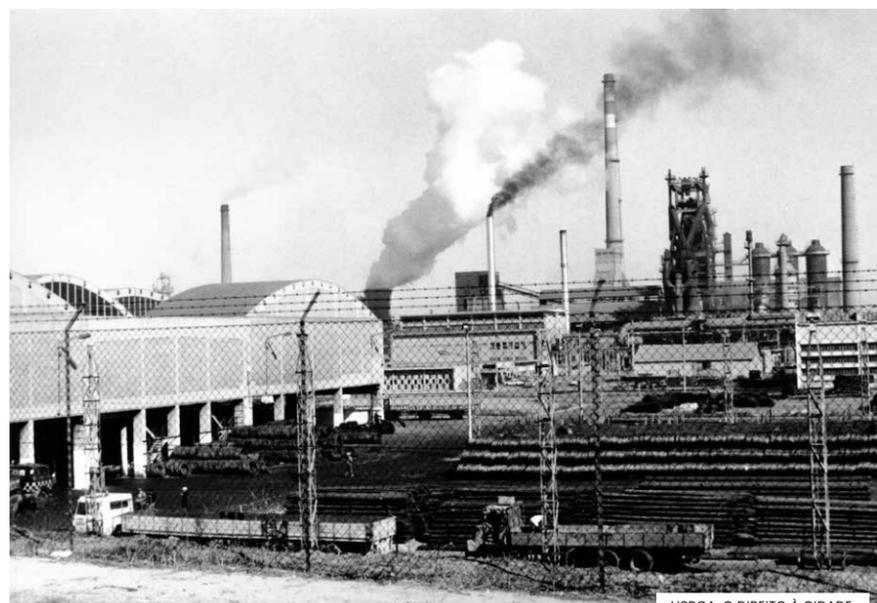
PASSAGEM POR LISBOA

de Eduardo Geda

com Anthony Story, Margarida Reis, Jennifer Hamilton, Tom Haroy, George Ritchie

Portugal, 1994 - 105 min | M/12

Lisboa, em plena Segunda Guerra Mundial, é uma capital de espões. Os serviços secretos britânicos, alemães e espanhóis cruzam-se entre quartos de hotel, armazéns sombrios e mansões na costa do Estoril. Há um rolo de microfilme desaparecido, há agentes duplos, há aristocratas célebres (Duque de Windsor e Primo de Rivera) e, pelo meio, há também duas estrelas de cinema: Pola Negri (a musa de Lubitsch e companheira de Valentino que passou por Lisboa a caminho de Hollywood) e Leslie Howard (que, de facto, morreu no regresso a Londres, quando o seu avião, que partira de Lisboa em 1943, foi abatido pela Luftwaffe - alegadamente porque o ator estava envolvido com os serviços secretos aliados). A "neutralidade" do Estado Novo deixa correr as intrigas e abafa os homicídios. Baseado num argumento original de Eduardo Geda, PASSAGEM POR LISBOA é um ambicioso filme de época com elenco internacional e cheio de referências históricas (e cinéfilas - António Lopes Ribeiro é uma das personagens da trama e, a certa altura, Paul Henreid e Ingrid Bergman chegam a Lisboa vindos de... Casablanca). A exibir em nova cópia digital, produzida no âmbito do PRR.



LISBOA, O DIREITO À CIDADE

CARTA BRANCA

► Segunda-feira [12] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Terça-feira [27] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PIERROT LE FOU

Pedro, O Louco

de Jean-Luc Godard

com Jean-Paul Belmondo, Anna Karina, Samuel Fuller

França, 1965 - 110 min / legendado em português | M/12

SESSÃO DE DIA 12 COM APRESENTAÇÃO

Emblema dos anos 1960, emblema do cinema moderno no sentido histórico do termo, PIERROT LE FOU adquiriu há muito tempo o estatuto de clássico. O mais famoso filme de Godard, de "uma beleza sublime" no dizer de Louis Aragon, continua a entusiasmar as novas gerações que o descobrem pela primeira vez. Um homem e uma mulher, Pierrot e Marianne, deixam subitamente Paris e saem pelas estradas de França, "vivendo perigosamente até ao fim". Amam-se e matam(-se), mas principalmente recusam a civilização tal como o pequeno-burguês a concebe, vivendo o instante e o dia a dia. A fotografia a cores de Raoul Coutard é um verdadeiro compêndio de muitas tendências estéticas da época como o é o som recriado por Antoine Bonfanti. No seu primeiro filme, SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL, Eduardo Geda presta homenagem ao filme de Godard quando encena uma ida ao cinema em que o casal Sofia/Jorge assistem a PIERROT LE FOU, filme que estava então proibido pela censura e só estrearia em julho de 1974 (num ciclo de "Cinema Proibido" programado pelo próprio Eduardo Geda).

► Terça-feira [13] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SCARLET STREET

Almas perversas

de Fritz Lang

com Edward G. Robinson, Joan Bennett, Dan Duryea

EUA, 1945 - 100 min / legendado em português | M/12

Mais de uma década depois de Jean Renoir realizar LA CHIENNE, a partir do romance homónimo de La Fouchardière, Fritz Lang, já em Hollywood, regressa à mesma história para daí extrair SCARLET STREET. Edward G. Robinson interpreta um modesto lojista e pintor amador cujo único bem de valor é um relógio de ouro. Numa noite chuvosa condói-se com a situação de Kitty (Joan Bennett), vítima de um namorado violento. Dá-lhe guarida, fazendo-se passar por um artista de sucesso. A partir daí tece-se uma teia de enganos, apropriações e mentiras. Em relação à versão de Renoir, Lang abandona a faceta realista para acentuar uma sombra incursão pela culpa e pelo peso do destino, numa atmosfera de *film noir*. Sobre o filme, escreveu João Bénard da Costa, "Não há imagem *naïf* possível quando o som é perverso. Ao pintor, só restam alucinações sonoras. Onde acabaram os espelhos, ficaram os ecos."

► Quinta-feira [14] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

STROMBOLI TERRA DI DIO

Stromboli

de Roberto Rossellini

com Ingrid Bergman, Mario Vitale

Itália, EUA, 1949 - 102 min / legendado em português | M/12

O primeiro filme de Rossellini com Ingrid Bergman (que partiu de UNDER CAPRICORN para STROMBOLI) marcou uma viragem importante no percurso do realizador e no da atriz. Bergman dá corpo a Karen, uma refugiada. Para poder ficar em Itália, casa-se com um marinheiro siciliano, mas rapidamente despontam os conflitos entre o casal, dada a sua diferença de mentalidade. À época, Eric Rohmer comentou assim o filme: "STROMBOLI, grande filme cristão, é a história de uma pecadora tocada pela graça". Por muitas razões, uma das mais extraordinárias experiências em toda a história do cinema. "Este

filme, duma beleza alucinante, é um filme sobre o cosmos. [...] STROMBOLI é o poema da criação" (João Bénard da Costa). A apresentar na versão inglesa, em cópia digital.

► Quinta-feira [15] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

STRANGERS ON A TRAIN

O Desconhecido do Norte-Expresso

de Alfred Hitchcock

com Farley Granger, Robert Walker, Ruth Roman, Patrícia Hitchcock, Leo G. Carroll

EUA, 1951 - 101 min / legendado em português | M/12

STRANGERS ON A TRAIN é a perfeita ilustração daquele que Claude Chabrol e Éric Rohmer, no livro que escreveram sobre Hitchcock, consideram o tema central da sua obra: a transferência da culpabilidade. Este tema é abordado aqui de modo quase literal: um homem desequilibrado propõe a um desconhecido matar a mulher dele e espera que ele lhe retribua o "favor". "O que a *mise en scène* de Hitchcock faz, com uma perícia notável, é tornar indissociáveis as componentes cognitiva e emotiva dos vários pontos de vista narrativos (...). Os movimentos e os cortes estabelecem assim implicações semânticas transparentes entre os objetos e os sujeitos do olhar (...), redistribuindo a tensão narrativa de tal maneira que cumpre perguntar se os demónios da ficção não passam também pelo inconsciente do espectador." (Eduardo Geda, *Os Mundos do Cinema*)

► Sábado [17] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Quarta-feira [21] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GENTLEMEN PREFER BLONDES

Os Homens Preferem as Loiras

de Howard Hawks

com Marilyn Monroe, Jane Russell, Charles Coburn, Tommy Noonan

Estados Unidos, 1953 - 91 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em 1925, Anita Loos escreveu o romance que deu origem ao primeiro GENTLEMEN PREFER BLONDES (Malcolm St. Clair, 1928). Hawks descartou quer o livro, quer a anterior adaptação, partindo da respetiva adaptação da Broadway. Duas cantoras, Jane e Marilyn (a "devoradora de diamantes"), partem para Paris à caça de maridos ricos. O resultado é uma das suas mais provocadoras comédias sexuais (Jane Russell e a equipa olímpica americana, Marilyn e o garoto milionário, são duas sequências em que a provocação se torna quase escabrosa). A propósito, escreveu Eduardo Geda (em *Os Mundos do Cinema*) que, "para Hawks uma boa história é antes de mais uma sucessão de situações fortes (...) apresentadas em cenas rápidas nas quais os atores possam contruir os personagens a partir de *diálogos oblíquos* - ou *almofadados*, como Hawks gostava de dizer - cheios de insinuações, subentendidos, confrontos verbais, piadas indirectas e réplicas memoráveis."

► Segunda-feira [19] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [23] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LE NOTTI DI CABIRIA

As Noites de Cabiria

de Federico Fellini

com Giulietta Masina, François Périer, Franca Marzi, Amedeo Nazzari

Itália, 1957 - 117 min / legendado em espanhol e eletronicamente em português | M/12

André Bazin escreveu que LE NOTTI DI CABIRIA "rematava" o neo-realismo, "ultrapassando-o numa reorganização poética do mundo". Embebida de uma vontade de incorporar a realidade e o documento na ficção, de fundir o sublime e o prosaico, a religiosidade e o paganismo, esta história de uma prostituta desgraçada, naquele que é um filme-charneira na obra de Fellini. Essa transformação fez-se a partir da mais "chapliniana" personagem de Fellini, e também um dos mais célebres papéis de

Giulietta Masina, Cabiria. “O palhaço é, no sistema dramático de Fellini, a cristalização das ‘qualidades’ e dos ‘defeitos’ simplesmente humanos. Portanto, de certo modo, são palhaços personagens aparentemente tão distintas como o Cheik Branco, os *vitelloni*, Cabiria, a burguesia fútil de *DOLCE VITA*, a protagonista e os fantasmas de *JULIETA*, os figurantes de *SATYRICON*, até se chegar a *OS CLOWNS*.” (Eduardo Geadá, *Cinema e Transfiguração*)

► Terça-feira [20] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

L'AVVENTURA

A Aventura

de Michelangelo Antonioni

com Monica Vitti, Gabriele Ferzetti, Lea Massari

Itália, França, 1960 – 144 min / legendado em português | M/12

“Itinerário sentimental de um par” (nas palavras do realizador), *L'AVVENTURA* é o primeiro filme da famosa trilogia antonioniana sobre a alienação, a dita “Trilogia dos Sentimentos”. No final do verão, um grupo de romanos endinheirados parte para um cruzeiro na Sicília e para em uma desolada ilha no meio do Mediterrâneo. Tudo vai bem até que Anna (Lea Massari) desaparece. Os viajantes decidem então que parte do grupo deve ir até uma ilha próxima para comunicar o acontecimento. Sandro (Gabriele Ferzetti), o namorado, e Claudia (Monica Vitti), a melhor amiga, permanecem no local do misterioso desaparecimento e acabam por se apaixonar. “Cada dia vive-se *L'AVVENTURA*, seja ela uma aventura sentimental, moral ou ideológica.” (Antonioni) A exibir em cópia digital.

► Quinta-feira [22] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

VIRIDIANA

Viridiana

de Luis Buñuel

com Sílvia Pinal, Fernando Rey, Francisco Rabal

Espanha, México, 1961 – 90 min / legendado em português | M/12

Buñuel estava há mais de vinte anos radicado no México, quando foi, com alguma pompa, convidado para voltar a filmar em Espanha. Quem se lembrou da brilhante ideia (Gustavo Alatriste) depressa se arrependeu. Buñuel foi ao mais fundo e mais provocatório do seu anticlericalismo e fez de *VIRIDIANA* uma ferocíssima sátira ao catolicismo e à sua presença na sociedade espanhola (acabando condenado pelo Papa João XXIII por blasfêmia e indecência). Para grande embaraço do governo, o filme ganhou a Palma de Ouro em Cannes. O Diretor Geral da Cinematografia foi posto na rua e Franco tentou proibir que a obra fosse estreada na Europa (em Espanha e Portugal foi, naturalmente, proibida). Buñuel voltou para o México sem que alguém lhe pedisse para ficar.

► Sábado [24] 22h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MAMMA ROMA

Mamma Roma

de Pier Paolo Pasolini

com Anna Magnani, Ettore Garofolo, Franco Citti

Itália, 1962 – 106 min / legendado em português | M/12

Sobre Pasolini escreveu Eduardo Geadá, num ensaio que aborda a dimensão política do pensamento do realizador e filósofo, “é na resistência sistemática a todos os aparelhos ideológicos e repressivos de normalização dos valores sociais e do ser humano que se deve entender a obra e a vida de Pier Paolo Pasolini” (*O Poder do Cinema*). Eis, então, a sua segunda longa-metragem, *MAMMA ROMA*, onde se prolongam as opções de *mise en scène* e o universo de *ACCATTONE*. Trata-se da história de uma mulher que abandona a prostituição para viver com o seu filho adolescente – mas tudo terá um fim trágico. Se a primeira parte do filme é marcada pela presença poderosa de Anna Magnani, a segunda concentra-se sobre o filho, incarnado por um ator amador. Com este filme, fecha-se o período da obra de Pasolini que reata com alguns elementos do neo-realismo. A exibir em cópia digital.

► Quarta-feira [28] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

PERSONA

A Máscara

de Ingmar Bergman

com Bibi Andersson, Liv Ullmann, Margareta Krook

Suécia, 1966 – 81 min / legendado em português | M/12

Depois de emudecer durante uma interpretação de Electra, a atriz Elisabeth Vogler (Liv Ullmann) procura repouso à beira-mar, na companhia da enfermeira Alma (Bibi Andersson). Entre as duas mulheres estabelece-se uma estranha relação de dependência mútuas. O filme resultou do desaire de um outro projeto e, como tal, constrói-se como uma reflexão sobre o impasse, a crise criativa e, como tal, o próprio cinema. “Não é por acaso que *PERSONA* começa e acaba com planos em que se vêem e ouvem indícios da prática cinematográfica (...) imagens e sons a que o corpo e a voz dos actores, fantasmas perfeitos, máscaras eternas, vêm finalmente emprestar uma realidade indesmentível, nas manchas de luz que atravessam a sala, no tempo exacto da projecção (...). *PERSONA* é o mais extraordinário e o mais secreto dos filmes de Ingmar Bergman, um marco na evolução das formas cinematográficas.” (Eduardo Geadá, *Cinema e Transfiguração*)

► Quarta-feira [21] 17h30 | Esplanada

CONVERSA COM EDUARDO GEADA

Sensivelmente a meio do Ciclo dedicado à obra de Eduardo Geadá (e no dia em que se exhibe o filme-paradigmático *MARIANA ALCOFORADO*) o realizador participará numa conversa sobre o seu trabalho. A conversa contará com a participação de Leonor Areal e será moderada pelo programador Ricardo Vieira Lisboa.



L'AVVENTURA



MAMMA ROMA



LE NOTTE DI CABIRIA

TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (PARTE IV)

Nesta quarta etapa do nosso percurso através da obra de Michael Curtiz, mantivemos o princípio de não apresentar a sua obra em ordem cronológica e sim numa mistura de períodos e géneros, de modo a melhor ilustrar a versatilidade do realizador. Cobriremos assim trinta e seis anos de cinema, de 1923 a 1959, poderemos (re)ver filmes de diversos géneros – westerns, dramas, musicais, comédias – e atores de gerações e imagens diferentes. Chamamos especialmente a atenção para os dois importantes filmes mudos incluídos no programa, assim como para *THE HANGMAN*, embora toda a obra de Curtiz seja um fascinante caleidoscópio cinematográfico.



FRONT PAGE WOMAN

- ▶ Segunda-feira [12] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [27] 19h30 | Sala Luís de Pina

FRONT PAGE WOMAN

de Michael Curtiz

com Bette Davis, George Brent, June Martel

Estados Unidos, 1935 – 82 min / legendado eletronicamente em português | M/12

FRONT PAGE WOMAN é o quarto dos seis filmes em que Michael Curtiz trabalhou com Bette Davis. Um ano antes deste filme e depois de muita insistência e cerca de vinte papéis, a atriz tivera finalmente o seu talento reconhecido, graças a *OF HUMAN BONDAGE* e o filme de Curtiz foi o primeiro que fez depois de receber este reconhecimento. Trata-se de uma comédia feminista, em que uma mulher e o seu namorado são repórteres para jornais rivais. Ela avisa-o que só se casará com ele depois de ele reconhecer que ela pode ser tão boa repórter quanto qualquer homem. O filme foi feito num interessante momento do percurso da atriz, que deixara os papéis de ingénua e ainda estava longe de ser estereotipada como “malvada”. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Segunda-feira [12] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sábado [31] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

MAMMY

de Michael Curtiz

com Al Jolson, Lois Moran, Louise Dresser

Estados Unidos, 1930 – 84 min / legendado eletronicamente em português | M/12

MAMMY, que marcou a estreia de Curtiz no filme musical, foi rodado a preto e branco, mas com a inclusão de algumas sequências em Technicolor. Protagonizado por Al Jolson, então no auge da fama por ter protagonizado o primeiro filme inteiramente sonoro, *THE JAZZ SINGER*, em 1927, e que parece ter intervindo bastante no trabalho de Curtiz, o filme é narrado em flashback por Jolson, cuja personagem se transformara num vagabundo. Num barco que leva uma companhia de artistas pelo rio Mississippi, ele apaixonara-se por uma colega, que por sua vez se apaixonara por um terceiro membro da companhia. O filme foi um inesperado triunfo de bilheteira, confirmando definitivamente a posição de Curtiz em Hollywood. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Terça-feira [13] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [26] 19h30 | Sala Luís de Pina

NIGHT AND DAY*Fantasia Douradas*

de Michael Curtiz

com Cary Grant, Alexis Smith, Ginny Sims

Estados Unidos, 1946 – 130 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Biografia filmada de Cole Porter, o grande autor de canções e espetáculos musicais, uma das quais, talvez a mais célebre de todas, dá título ao filme. O próprio Cole Porter parece ter tido algum controle sobre o filme, pois fez questão de ser encarnado por um

ator que tivesse “estampa” e não com um que se parecesse a ele. Trata-se naturalmente de uma biografia que toma muitas liberdades com os factos e na qual, depois de pensar que chegara ao fim, o protagonista ressuscita para o sucesso.

- ▶ Quarta-feira [14] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Terça-feira [20] 19h30 | Sala Luís de Pina

THE BREAKING POINT*À Sombra do Mal*

de Michael Curtiz

com John Garfield, Patricia Neal, Phyllis Thaxter

Estados Unidos, 1950 – 95 min / legendado eletronicamente em português | M/12

THE BREAKING POINT é um dos mais belos filmes da obra abundantíssima de Michael Curtiz, em que John Garfield, um dos actores americanos mais notáveis da sua geração, encarna o dono de um barco de mercadorias que, depois de ser vítima de um calote, aceita transportar emigrantes clandestinos para poder voltar à Califórnia. Mais tarde, é levado a transportar bandidos, que querem livrar-se dele antes de chegarem ao destino. Um soberbo filme de atmosfera, longinquamente baseado em *To Have and To Have Not* de Hemingway.

- ▶ Quarta-feira [14] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Sábado [17] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE WOMAN FROM MONTE CARLO

de Michael Curtiz

com Lil Dagover, Walter Huston, Warren William

Estados Unidos, 1931 – 65 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um filme típico dos primeiros anos do período sonoro, quando o cinema americano conheceu uma grande liberdade narrativa, antes da instauração de novos códigos. Durante um baile a bordo de um navio chega a notícia do início da Primeira Guerra Mundial. O capitão manda evacuar o barco, mas a sua mulher refugia-se no camarote de um oficial que lhe declarara o seu amor. Notáveis interpretações de Walter Huston no papel do capitão e de Lil Dagover, um dos grandes nomes do cinema alemão mudo, no da sua mulher. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Quarta-feira [14] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Segunda-feira [19] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

WHITE CHRISTMAS*Natal Branco*

de Michael Curtiz

com Bing Crosby, Danny Kaye, Rosemary Clooney

Estados Unidos, 1954 – 120 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Este musical foi o primeiro filme realizado por Curtiz depois de deixar a Warner, para a qual trabalhara desde a sua chegada aos Estados Unidos. Foi feito para o lançamento do Vistavision, o formato panorâmico concebido pela Paramount, um ano depois do Cinemascope, num momento em que a concorrência da televisão levou as produtoras americanas a buscarem novos meios de atrair o público. Os dois protagonistas, um cómico e um *crooner*, que se tinham conhecido durante a Segunda Guerra Mundial, formam um duo que tem grande êxito. Vão passar férias numa estação de esqui, cujos negócios vão mal, porque não há neve e lá montam um espetáculo. O filme foi mal recebido pela crítica, mas foi um dos maiores êxitos de bilheteira do ano nos Estados Unidos. Primeira exibição na Cinemateca, a exibir em cópia digital.

- ▶ Quinta-feira [15] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [29] 19h30 | Sala Luís de Pina

BRIGHT LEAF

Fumos de Ambição

de Michael Curtiz

com Gary Cooper, Patricia Neal, Lauren Bacall, Jack Carson, Donald Crisp

Estados Unidos, 1950 – 110 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Gary Cooper é um aventureiro apaixonado pela filha de um potentado do tabaco na Virgínia, expulso da terra por isso, que regressa, anos depois, para se vingar da humilhação, trazendo consigo o instrumento da ruína do grande cultivador e dos seus iguais: uma máquina de produção em série de cigarros que vai destruir o monopólio dos charutos.

- ▶ Sexta-feira [16] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quinta-feira [22] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

THE HANGMAN

O Carrasco

de Michael Curtiz

com Robert Taylor, Tina Louise, Jack Lord

Estados Unidos, 1959 – 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um *western*, realizado quando o género conhecia um verdadeiro apogeu e que marca a única colaboração entre Curtiz e Robert Taylor, no papel de um intransigente chefe de polícia conhecido como “O Carrasco” porque encontra sempre as suas vítimas, que viaja em busca de um homem que cometera um crime anos atrás. Taylor encontra o homem e prende-o, mas as circunstâncias levá-lo-ão a abandonar o seu sentido estrito da justiça. No seu livro sobre Curtiz, Pablo Mérida considera este filme “um *western* atípico e incompreendido, com o qual Curtiz desafiou os gostos da época ao filmar a preto e branco e não incluir nenhum duelo final, além de que não há um verdadeiro «mau» no filme”. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [16] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-feira [26] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LITTLE BIG SHOT

de Michael Curtiz

com Sybil Jason, Glenda Farrell, Robert Armstrong

Estados Unidos, 1935 – 78 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma comédia em que uma dupla de caçadores de talento quer fazer um espetáculo com um velho ator e a sua neta. Mas um bando de gangsters mata o homem e os dois amigos vêem-se responsáveis pela criança. Esta, encarnada por uma sul-africana de cinco anos, treinada para competir com Shirley Temple, a vedeta infantil da época, canta, dança e imita Greta Garbo, Mae West e Jimmy Durante, mas a sua pronúncia “exótica” impediu-a de fazer carreira em Hollywood. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sexta-feira [16] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

SKLAVENKÖNIGIN

“A Escrava Rainha”

de Myhály Kersézt/Michael Curtiz e Arnold Pressburger

com Adolph Weisse, Arlet Marchall, Oszkár Beregi

Áustria, 1924 – 83 min / mudo, legendado eletronicamente em português | M/12

O produtor do filme quis dar uma “resposta europeia” a *THE TEN COMMANDMENTS* DE Cecil B. DeMille, realizado no ano anterior e o resultado foi esta superprodução. A ação situa-se no antigo Egito, quando os hebreus se preparam para o seu êxodo, guiados por Moisés. Entretanto, uma escrava judia tem um romance com o herdeiro do trono egípcio. Trata-se de uma superprodução com cinco mil figurantes e importantes efeitos especiais, que culminam na travessia do Mar Vermelho. Por razões contratuais, Curtiz teve de compartilhar o trabalho de realização com o cenógrafo do filme, Arnold Pressburger. *SKLAVENKÖNIGIN* teve imenso êxito comercial em diversos países europeus à época e é um magnífico exemplo de uma superprodução no período mudo. Primeira exibição na Cinemateca.

- ▶ Sábado [17] 19h30 | Sala Luís de Pina
- ▶ Segunda-feira [26] 16h30 | Sala M. Félix Ribeiro

GOD'S GIFT TO WOMEN

de Michael Curtiz

com Frank Fay, Laura LaPlante, Joan Blondell

Estados Unidos, 1931 – 72 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma comédia, em que um conquistador de fama internacional conhece uma jovem num clube de Paris, declara-se instantaneamente apaixonado e pede-a em casamento, mas o pai dela decide pôr os sentimentos dele à prova. Louise Brooks tem um pequeno papel. Esta foi a quarta colaboração entre Curtiz e Frank Fay, então célebre ator de *standup comedy*, mas o fracasso comercial do filme pôs fim à colaboração entre ambos, assim como ao seu estatuto de vedeta. Um filme extremamente raro, a descobrir. Primeira exibição na Cinemateca, a exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [21] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Quarta-feira [28] 19h30 | Sala Luís de Pina

MY DREAM IS YOURS

Meus Sonhos Pertencem-te

de Michael Curtiz

com Doris Day, Jack Carson, Lee Bowman, Adolphe Menjou

Estados Unidos, 1949 – 100 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Em mais um exemplo da flexibilidade de Curtiz, *MY DREAM IS YOURS* foi realizado à volta de Doris Day, que se tornara uma celebridade e de quem este é o segundo filme. Trata-se de um *remake* de um pouco visto filme de 1934, *TWENTY MILLION SWEETHEARTS*, no qual o protagonista é um rapaz. A trama narrativa gira à volta dos esforços de um caçador de talentos para lançar uma nova cantora, pontuados por vários fracassos, antes do objetivo ser atingido. Dois célebres personagens do cinema de animação, Pernalonga e Piupiu, são *co-stars* de Doris Day num dos números musicais. Primeira exibição na Cinemateca, a exibir em cópia digital.

- ▶ Quarta-feira [21] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro
- ▶ Sábado [24] 19h30 | Sala Luís de Pina

FEMALE

de Michael Curtiz (William Dieterle e William Wellman, não creditados)

com Ruth Chatterton, George Brent, Lois Wilson

Estados Unidos, 1933 – 60 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O sexo, o poder e a perspetiva feminina são os ingredientes de *FEMALE*, em que o abuso e o assédio são outros dados de partida, tudo se estruturando na inversão



dos papéis convencionais feminino-masculino: Allison, a personagem de Ruth Chatterton, é proprietária e gerente de uma fábrica de automóveis, herdada do pai, e tem uma relação peculiar com os empregados do sexo masculino que tem por hábito convidar para efêmeros encontros privados. Até que Jim, um inventor, lhe troca as voltas ao recusar uma das suas propostas de horário pós-laboral. William Dieterle e William A. Wellman têm responsabilidade não creditada na realização de algumas cenas. “Foi alvo da reprovação dos sectores conservadores de Hollywood que consideraram ‘repugnantes as tendências sexuais da protagonista’ e não encontraram ‘nenhuma justificação’ para esta história. Estranho seria.” (Maria João Madeira) A apresentar em cópia digital.

► Quinta-feira [22] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

DER JUNGE MEDARDUS

“O Jovem Medardus”

de Michael Kertész/Michael Curtiz

com Michael Várkony, Anny Hornik, Maria Hegyesi

Áustria, 1923 – 105 min / mudo, legendado eletronicamente em português | M/12

Depois de sete anos (1912–19) intensos e produtivos na sua Hungria natal, Mihály Kertész (que neste filme assina Michael) realizou dezoito filmes na Áustria entre 1919 e 1926, antes de emigrar para os Estados Unidos. DER JUNGE MEDARDUS adapta uma peça epónima de Schnitzler, que colaborou na adaptação cinematográfica do seu texto. A ação tem lugar em 1809, aquando da conquista de Viena por Napoleão. Um jovem patriota é instigado pela sua amante a matar o imperador francês, mas a tentativa de atentado não corre como previsto. DER JUNGE MEDARDUS é uma grande produção realizada em parte nas ruas de Viena e em parte em bem equipados estúdios e é considerado um dos filmes mais marcantes do período mudo da carreira de Curtiz.

► Sexta-feira [23] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sexta-feira [30] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DOCTOR X

O Monstro

de Michael Curtiz

com Lionel Atwill, Fay Wray, Lee Tracy

Estados Unidos, 1932 – 75 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Um brilhante *thriller* em que um repórter segue diversos crimes ligados ao canibalismo. Entretanto, um conhecido médico também faz as suas pesquisas para esclarecer o mistério, antes que os caminhos dos dois homens se cruzem. O principal papel feminino foi confiado a Fay Wray, que no ano seguinte entraria para a história do cinema ao participar em KING KONG. O filme de Curtiz foi rodado em Technicolor, mas frequentemente distribuído em cópias a preto e branco, tendo-se chegado ao ponto em que não se sabia do paradeiro de nenhuma cópia a cores. Mas uma foi encontrada no arquivo pessoal de Jack Warner depois da sua morte e, evidentemente, esta será a versão apresentada na Cinemateca. Primeira exibição na Cinemateca.

► Quinta-feira [29] 15h30 | Sala M. Félix Ribeiro

► Sábado [31] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

KING CREOLE

Balada Sangrenta

de Michael Curtiz

com Elvis Presley, Carolyn Jones, Walter Matthau, Dolores Hart, Dean Jagger

Estados Unidos, 1958 – 116 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Baseado num livro de Harold Robbins, KING CREOLE é o quarto filme de ELVIS, um filme que vive da presença do cantor e da sua música e um dos melhores em que ele participou. O argumento original tinha um pugilista como protagonista num papel destinado a James Dean. Elvis interpreta o tradicional papel de um jovem cantor que vence na carreira pouco a pouco. Destaque para as cenas de ação e para os números musicais, em que se incluem *Hard Headed Woman* e *Trouble*.

KONRAD WOLF

em colaboração com o KULTURfest – Festival de Culturas de Expressão Alemã

Konrad Wolf (1925–1982) foi a figura mais importante, institucionalmente, no cinema da República Democrática Alemã, e até para além dele, como o atesta o tempo (quase vinte anos, entre a década de 1960 e a sua morte prematura) em que presidiu à Academia das Artes da RDA.

A sua estrela não empalideceu depois do colapso do regime, ao contrário do que sucedeu a muitas outras figuras de importância comparável nas hierarquias da RDA: descrito como um genuíno humanista, dotado de uma sensibilidade e de uma bondade naturais e invulgares, terá usado o poder e a influência não para reprimir mas para apoiar, tendo frequentemente intercedido em abono de colegas cineastas que entravam em conflito com as autoridades políticas do país.

E foi, sobretudo, um cineasta notável, cuja divulgação internacional sofreu, em vida dele, com a animosidade votada à RDA, que muito limitou a circulação dos seus filmes – como aliás a de muitos seus compatriotas, vários realizadores notáveis ainda hoje minorizados ou ignorados pelos estereótipos do olhar “ocidental” sobre o passado da RDA. Wolf, que cresceu na URSS, para onde os pais se mudaram logo em 1933 assim que os nazis subiram ao poder, acreditava no comunismo e acreditava no regime da Alemanha democrática, mas isso não fazia dele um “propagandista”, bem pelo contrário: fazia dele um “crítico”, alguém que constantemente interrogava, punha em causa, reflectia, os rumos políticos e sociais da RDA, tanto na relação com o “ocidente” (a RFA, sobretudo) como na relação com o “oriente” (o restante “bloco de leste”, pela designação comum), como ainda na relação com o que unia os alemães de leste e oeste, o passado histórico comum, sobretudo no período 1933–1945.

Assinalando o centenário do seu nascimento, e njuma colaboração com o KULTURfest, vamos ver três filmes dele que se encontram entre os mais famosos que fez mas são ainda, de modo geral, injustamente desconhecidos. Três propostas de reflexão – sobre o Holocausto (STERNE), sobre o Muro de Berlim (DER GETEILTE HIMMEL), sobre as culturas “jovens” e marginais da RDA (SOLO SUNNY) – que o tempo tornou em documentos “históricos” mas não “congelou”, e onde ainda se continua a sentir, com toda a frescura, a pulsação de uma vontade de diálogo com a História contemporânea e com a vida de todos os dias.

► Segunda-feira [19] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

SOLO SUNNY

de Konrad Wolf e Wolfgang Kohlhaase

com Renate Krössner, Alexander Lang, Dieter Montag

RDA, 1980 – 100 min / versão original com legendas em inglês e eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Foi a última ficção de Konrad Wolf (partilhando o crédito de realização com Kohlhaase, autor do argumento) e um fenómeno de popularidade na RDA: esteve seis meses em cartaz, foi possivelmente o filme nacional mais visto em toda a história da Alemanha Democrática, e esse sucesso até foi parcialmente replicado no lado Federal, onde o filme também estreou com considerável adesão popular. É um hino à rebeldia, através de uma protagonista, Sunny, que quer ser uma cantora “rock” – e é por sua vez inspirada numa figura real, esta bastante reprimida pelas autoridades políticas, cujas entrevistas com Kohlhaase serviram para a definição da ossatura do argumento. É um filme divertido e movimentado, com um retrato inesperado de um “underground” da RDA e dos seus círculos culturalmente marginais, a que não falta hoje um interesse de ordem quase arqueológica: o roteiro, belissimamente filmado, por uma cidade que já não existe, a Berlim antigamente chamada “Leste”.

► Terça-feira [20] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

STERNE

“Estrelas”

de Konrad Wolf

com Sasha Krusharska, Jürgen Frohriep, Erik Klen

RDA, 1959 – 92 min / versão original com legendas em inglês e eletronicamente em português | M/12

As “estrelas” do título são uma alusão às estrelas amarelas que identificavam os cidadãos judeus durante o nazismo: ambientado (e parcialmente rodado) na Bulgária, STERNE é uma reflexão sobre o Holocausto, a partir da história da relação entre um oficial alemão e uma rapariga judia grega que integra o grupo que ele deve conduzir para um campo de concentração. STERNE impôs definitivamente Konrad Wolf como figura de proa do cinema da RDA. Se está hoje muito esquecido, tal como grande parte da produção da Alemanha Democrática, que já na época encontrava dificuldades de circulação internacional, foi em 1959 um objecto bastante polémico, política e diplomaticamente, mesmo dentro do chamado “Bloco de Leste” a que pertencia o sector alemão oriental: a Bulgária protestou formalmente, e a URSS não lhe concedeu autorização de estreia. De resto,

e fora desse “bloco”, também foi proibido em Israel. Primeira exibição na Cinemateca.

► Terça-feira [20] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

DER GETEILTE HIMMEL

“O Céu Dividido”

de Konrad Wolf

com Renate Blume, Eberhard Esche,

Hans Hardt-Hardtloff

RDA, 1964 – 110 min / versão original com legendas em inglês e eletronicamente em português | M/12

Baseado num livro de Christa Wolf, DER GETEILTE HIMMEL é a história de um casal separado pelas novas fronteiras políticas – o muro a dividir Berlim, recorde-se, existia desde 1961. O homem parte para Oeste e a mulher fica no Leste. Sendo uma apologia da RDA (Konrad Wolf foi uma figura destacada na hierarquia cinematográfica da Alemanha de Leste) e narrando um processo de melancólica aceitação, é tudo menos propaganda e proclamação de certezas políticas. Pelo contrário, testemunha como se via, entre os crentes no regime, a divisão das Alemanhas, e deixa claro não haver nenhuma contradição entre crer no regime político da RDA e lamentar profundamente a existência desse “contentor” artificial – o muro – a isolar os alemães. Certos planos do céu, esse céu “dividido”, e a poesia triste que lhes está subjacente, sugerem a influência que o filme de Wolf terá tido sobre Wim Wenders, cujas ASAS DO DESEJO estão para os últimos dias de Berlim dividida como DER GETEILTE HIMMEL está para os primeiros.



STERNE

CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING

em colaboração com o MAC/CCB

Em maio dedicamos seis sessões a Chantal Akerman (1950–2015), cujos filmes têm marcado presença muito assídua na Cinemateca, desta vez numa associação com a exposição *Chantal Akerman. Travelling*, patente no MAC/CCB de 17 de abril a 7 de setembro, e em colaboração com a Cinémathèque Royale de Belgique (CINEMATEK) e a Fondation Chantal Akerman. Autora de uma obra multifacetada, que desenvolveu entre o final dos anos sessenta e 2015, Akerman sempre transpôs as fronteiras entre a observação documental do mundo e a ficção, entre a escrita e as suas restantes práticas artísticas, entre o cinema e a instalação, como percebemos pelos seus filmes, mas também por esta exposição, que enfatiza o seu lugar pioneiro no cinema e na arte contemporânea. Concebida pelo Centre for Fine Arts, Brussels (Bozar), onde conheceu uma primeira apresentação, pela Fundação Akerman e pela CINEMATEK, com curadoria de Laurence Rassel, e produzida pelo MAC/CCB, a exposição reúne instalações, documentação, arquivos, escritos, e outras obras de Akerman, que dialogam com o seu trabalho fílmico. Esta é a mais expressiva exposição Akerman em Lisboa, sendo que em 2012 se apresentaram várias das suas instalações durante o Doclisboa, data em que a Cinemateca e o Festival realizaram uma retrospectiva integral da obra de Akerman, e em que foram mostrados na Cinemateca todos os seus filmes e uma instalação, com a presença muito especial da realizadora.

Este Ciclo de seis filmes enceta assim uma viagem ao seu cinema propriamente dito, de *LA CAPTIVE* (2000), longa-metragem inspirada muito livremente em Marcel Proust, aos mais “raros” *GOLDEN EIGHTIES* (1986) e *TOUTE UNE NUIT* (1986), passando por alguns dos seus mais importantes títulos dos anos setenta: *NEWS FROM HOME*, *HOTEL MONTEREY* e *JEANNE DIELMAN*. Filmes que, como escrevíamos a propósito dessa grande retrospectiva, prolongam questões levantadas logo na sua “explosiva” primeira curta-metragem, *SAUTE MA VILLE* (1968), que tem um papel de destaque na exposição: a experimentação com as formas narrativas e a porosidade dos géneros; a importância das vivências pessoais para um cinema imbuído de uma profunda dimensão autobiográfica; um burlesco devedor do “mudo”; um olhar crítico sobre a representação feminina; e uma certa virulência que, aliada ao cómico, será portadora de uma verdadeira singularidade. O programa conta com o apoio da CINEMATEK e da Fondation Chantal Akerman, responsáveis pelo trabalho de restauro fílmico e de divulgação da obra da cineasta, cujos resultados agora apresentamos em novas cópias digitais. Directora de fotografia de *LA CAPTIVE*, Sabine Lancelin virá à Cinemateca falar do seu trabalho, bem como do restauro dos filmes, em que colaborou. Esta primeira sessão do programa será complementada por uma conversa sobre Chantal Akerman em que participarão Sabine Lancelin e Paulo Branco, produtor de *LA CAPTIVE*.



JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES



LA CAPTIVE

► Sábado [24] 17h30 | Sala M. Félix Ribeiro

LA CAPTIVE

A Captiva

de Chantal Akerman

com Stanislas Merhar, Sylvie Testud, Aurore Clément

França, Bélgica, 2000 – 107 min / legendado em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO E SEGUIDA DE CONVERSA COM SABINE LANCELIN E PAULO BRANCO

LA CAPTIVE adapta “A Prisioneira” de Proust (*Em Busca do Tempo Perdido*), com argumento da realizadora e de Eric de Kuyper, e ação transposta para a atualidade. As qualidades “fantasmáticas” da narrativa de Proust são salientadas pela sua articulação com um universo com o seu quê de hitchcockiano (o mundo de *VERTIGO* paira por aqui), num filme que está nos antípodas da adaptação literária, resultando antes de uma “relação de intimidade”. A exibir em cópia digital, restaurada com a supervisão de Sabine Lancelin, que assina a admirável fotografia do filme.

► Segunda-feira [26] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

GOLDEN EIGHTIES (LA GALERIE)

de Chantal Akerman

com Myriam Boyer, John Berry, Delphine Seyrig, Nicolas Trone, Lio, Pascale Salkin

França, Bélgica, Suíça, 1986 – 96 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR SABINE LANCELIN

Pensado como “uma comédia sobre o amor e o comércio. Burlesca, terna, frenética” (Akerman), *GOLDEN EIGHTIES* situa-se num universo cruzado por personagens que vivem em função do sentimento amoroso, sonhado, dito, cantado ou dançado. Como escreveu Laura Mulvey, “*GOLDEN EIGHTIES* é uma comédia musical rebelde. Adoro o modo como Chantal Akerman entrelaça a sua estética vanguardista de repetição e padrão formal no interior da serialidade do refrão musical, dos motivos repetidos da canção e da dança, o todo enquadrado pelas qualidades mais gerais da mise-en-scène.” A exibir em versão restaurada, em cópia digital



HOTEL MONTEREY

► Quinta-feira [29] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

HOTEL MONTEREY

de Chantal Akerman
Bélgica, 1972 – 63 min / mudo | M/12

Centrando-se em HOTEL MONTEREY, hotel nova-iorquino que explora intensivamente do R/C ao terraço, o filme afirma-se como um estudo sobre um espaço arquitetónico, a luz e o tempo, traduzindo a influência que sob Akerman exerceu o cinema experimental e de *avant-garde*, que descobria nesse momento em Nova Iorque. O seu rigor formal, aliado ao mutismo, fazem de HOTEL MONTEREY um trabalho único no cinema dos anos setenta. Tal como NEWS FROM HOME, conta com a colaboração de Babette Mangolte, autora da fotografia do filme, que trabalhou com Akerman nas suas primeiras experiências nos Estados Unidos. A exibir em versão restaurada, em cópia digital

► Sexta-feira [30] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NEWS FROM HOME

de Chantal Akerman
França, Bélgica, RFA, 1977 – 85 min / legendado eletronicamente em português | M/12

Uma sucessão de imagens de Manhattan em planos fixos, panorâmicas e travellings, acompanhadas por textos e cartas dirigidas à realizadora, pela sua mãe. Akerman filma a cidade em que viveu em vários períodos entre 1971 e 1974, e onde conheceu o cinema de Stan Brakhage, Michael Snow, Jonas Mekas ou Andy Warhol. Reflexão sobre a cidade e sobre a duração, NEWS FROM HOME fixa-se nas ruas e no trânsito, e quando sai dos exteriores é para percorrer Nova Iorque nos túneis subterrâneos do metropolitano. Com uma forte dimensão autobiográfica, é um dos mais notáveis filmes realizados por Akerman. A exibir em versão restaurada, em cópia digital

► Sábado [24] 19h30 | Sala M. Félix Ribeiro

CONVERSA SOBRE O CINEMA DE CHANTAL AKERMAN

A sessão de abertura do programa em que se exibe LA CAPTIVE (sábado, dia 24 às 17h30) será seguida de uma conversa sobre a obra de Chantal Akerman, que contará com a participação de Sabine Lancelin e Paulo Branco (diretora de fotografia e produtor do filme). A conversa partirá de LA CAPTIVE para abordar a multiplicidade que atravessa a obra de Chantal Akerman e o trabalho que tem sido levado a cabo nos últimos anos para a sua preservação e divulgação. Conversa em português, francês e inglês, sem tradução simultânea.

ENTRADA LIVRE MEDIANTE LEVANTAMENTO DE INGRESSO NA BILHETEIRA, NO PRÓPRIO DIA.

► Terça-feira [27] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080 BRUXELLES

de Chantal Akerman
com Delphine Seyrig, Henri Storck, Jan Decorté
Bélgica, França, 1976 – 200 min / legendado eletronicamente em português | M/12

O filme mais decisivo na consagração de Chantal Akerman. JEANNE DIELMAN, 23... é uma observação sistematizada, quase "maníaca", do dia a dia rotineiro de uma mulher de Bruxelas (Delphine Seyrig), com a prostituição a aparecer como um espectro de coloração realista. A dureza formal do filme de Akerman revela-se na sua obsessiva calendarização do tempo e das rotinas. Apresentado pela primeira vez na Quinzena dos Realizadores em Cannes, há 50 anos, volta por estes dias de maio a ser aí mostrado, já como uma obra consagrada. A exibir em versão restaurada, em cópia digital

► Quarta-feira [28] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

TOUTE UNE NUIT

de Chantal Akerman
com Aurore Clément, Samy Szlingerbaum, Natalia Akerman, Simon Zalewski
Bélgica, França, 1982 – 90 min / legendado eletronicamente em português | M/12

TOUTE UNE NUIT segue um conjunto de indivíduos e de casais no desenrolar dos seus encontros e desencontros no calor de uma sufocante noite de verão pelas ruas, bares e quartos da cidade de Bruxelas. Como numa dança, os corpos aproximam-se e afastam-se numa verdadeira coreografia de gestos motivada pelo desejo. Através de uma narrativa ficcional fragmentada e de diálogos mínimos, Akerman aborda assim alguns dos mais importantes aspetos das relações humanas: a paixão, o humor, a rejeição. Um filme pouco visto da cineasta. A exibir em cópia digital, num restauro acompanhado por Caroline Champetier, que assinou a imagem do filme.

SESSÃO ESPECIAL MUHNAC

Uma sessão em colaboração com o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MUHNAC) e do estudo, em curso, sobre o espólio fotográfico de Álvaro de Barros Geraldo na Guiné-Bissau entre 1966 e 1974.

► Sexta-feira [23] 18h30 | Sala Luís de Pina

GUINÉ, BERÇO DO IMPÉRIO 1446-1946

de António Lopes Ribeiro
Portugal, 1946 – 18 min

ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO

de António-Pedro Vasconcelos
Portugal, 1974 – 70 min
Duração total da projecção: 88 min | M/12

SESSÃO APRESENTADA POR ARIANA FURTADO, CATARINA LARANJEIRO, INÉS VIEIRA GOMES

ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO é um filme realizado para televisão em dezembro de 1974 no fim da guerra colonial. O título adota a expressão utilizada pelos soldados portugueses quando, do teatro de guerra, enviavam as suas mensagens de Natal para a metrópole, como então também se dizia. António-Pedro Vasconcelos regista testemunhos de soldados que combateram na Guiné retratando a guerra colonial portuguesa quando esta era ainda uma realidade muito próxima. A apresentar em cópia digital. A abrir a sessão, GUINÉ, BERÇO DO IMPÉRIO 1446-1946, realizado aquando da Missão Cinegráfica às Colónias de África, apresenta diversos aspetos do território então sob administração portuguesa.



NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA

Em 1993, Jorge António escreve e realiza O MIRADOURO DA LUA, a sua primeira longa-metragem que seria também a primeira co-produção luso-angolana. Trinta anos depois da estreia de MIRADOURO (em Portugal, a 10 de março de 1995), e no ano em que se celebram os 50 anos de independência de Angola, regressamos ao filme e em torno dele apresentamos ainda um conjunto de outros títulos realizados ou produzidos em ambos os países por Jorge António.

Nascido em Lisboa em 1966, Jorge António inicia uma actividade cineclubista durante os estudos secundários e realiza uma dezena de filmes amadores em suporte 8mm e Super 8. Em 1985 ingressa na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa, que termina em 1988 com especialização na área de Produção, o mesmo ano em que viaja pela primeira vez para Angola. Trabalha com vários realizadores e produtores, colabora em diversos projectos editoriais (Revista de Cinema, Cadernos, Cinema em Português) e, três anos depois, realiza o seu primeiro filme (O FUNERAL). Depois de O MIRADOURO DA LUA regressa e fixa-se em Angola, e é desde 1995 o produtor executivo da Companhia de Dança Contemporânea de Angola, da coreógrafa e investigadora Ana Clara Guerra Marques. As cinco sessões que integram este Ciclo serão acompanhadas por Jorge António, “o realizador estrangeiro que mais tem filmado em e sobre Angola”.

► Quinta-feira [29] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

FROM LUANDA... WITH LOVE

de Jorge António
Angola, 2020 – 6 min

CECI N'EST PAS UNE PORTE

de João Paulo Amaro
com os Bailarinos da Companhia de Dança Contemporânea de Angola
Angola, 2016 – 4 min

AXILUANDA

de Rita GT
com os Bailarinos da Companhia de Dança Contemporânea de Angola
Angola, 2014 – 5 min

PAISAGENS PROPÍCIAS

de Jorge António & Graça Castanheira
com Rui Lopes Graça, João Lucas & os Bailarinos da Companhia de Dança Contemporânea de Angola
Angola, 2013 – 25 min

ALAMBAMENTO

de Mário Bastos (Fradique)
com Correia Adão, Marieta Cabuço, Alfredo Simão, Dom Pedro Dikota
Angola, 2010 – 15 min

O GATO PRETO

de Jorge António
com Arnaldo Barão, Luís Correia Sr., Sofia Rodrigues e Jorge António
Portugal, 1986 – 6 min

Duração total da projeção: 61 minutos | M/12

COM A PRESENÇA DE JORGE ANTÓNIO

CECI N'EST PAS UNE PORTE regista uma peça coreográfica de Ana Clara Guerra Marques e Nuno Guimarães em torno do corpo e do seu aprisionamento, liberdade e sobrevivência. AXILUANDA é uma performance em vídeo realizada nos escombros do Bairro Chicala, em Luanda. PAISAGENS PROPÍCIAS acompanha o trabalho de preparação da Temporada 2012 da Companhia de Dança Contemporânea de Angola através da pesquisa e reinterpretação da obra de Ruy Duarte de Carvalho. ALAMBAMENTO (no casamento tradicional angolano, a entrega do dote pela família do noivo à família da noiva) “foi um projecto que nasceu da necessidade que eu tinha de contar uma história Angolana para os Angolanos” (Mário Bastos). Originalmente filmado em 8mm durante o período em que Jorge António frequentava a Escola de Cinema, O GATO PRETO revisita o seu começo no cinema. A abrir a sessão, FROM LUANDA... WITH LOVE, realizado durante o período de recolhimento obrigatório durante a pandemia COVID. À excepção de O GATO PRETO, primeiras exhibições na Cinemateca.

► Sexta-feira [30] 19h30 | Sala Luís de Pina

PARA LÁ DOS MEUS PASSOS

de Kamy Lara
com António Sande, André Baptista, Benjamin Curti, Daniel Curti, Samuel Curti
Angola, 2019 – 72 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JORGE ANTÓNIO

PARA LÁ DOS MEUS PASSOS acompanha o processo de montagem do espectáculo (Des)Construção, da Companhia de Dança Contemporânea de Angola. “PARA LÁ DOS MEUS PASSOS usa o espectáculo como ponto de partida para acompanhar a reflexão dos bailarinos sobre os temas explorados ao longo da peça: as suas origens, as suas tradições, a perda de identidade e a construção de uma nova, imposta pelo tempo e pela mudança de uma zona rural para uma Luanda urbana. Uma história semelhante para tantos angolanos e angolanas.” (Kamy Lara) Primeira exhibição na Cinemateca.

► Sexta-feira [30] 21h30 | Sala M. Félix Ribeiro

O MIRADOURO DA LUA

de Jorge António
com João Cabral, Aline Solange, Paulo Xisto, Isabel de Castro, Paulo Bolota, Custódia Correia
Portugal, Angola, 1993 – 88 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JORGE ANTÓNIO E JOÃO CABRAL

A primeira longa de Jorge António, O MIRADOURO DA LUA, lida com a memória portuguesa de África no momento presente do início dos anos 1990 em que foi feito, seguindo a visita de um jovem português estudante de teatro a Luanda até onde viaja a convite do pai, que não conhece. Na viagem, conhece uma estudante angolana que regressa ao seu país. Quando se dirige à morada de seu pai, tem uma grande surpresa. Foi a primeira coprodução lusoangolana.

► Sábado [31] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

NAYOLA

de José Miguel Ribeiro
Portugal, Holanda, Bélgica, França, 2022 – 83 min | M/14

COM A PRESENÇA DE JORGE ANTÓNIO, JOSÉ MIGUEL RIBEIRO, MEDUSA E VIRGILIO ALMEIDA

Em Angola, as vidas, os sonhos e os segredos de três mulheres, Lelena (a avó), Nayola (a filha) e Yara (a neta) cruzam-se em dois tempos narrativos, distanciados catorze anos. No passado, Nayola parte à procura do marido, desaparecido em combate na guerra civil angolana, e envolve-se numa busca errática, audaz e mágica. No presente, o país está finalmente em paz, mas Nayola não voltou. Yara é uma jovem rapper e ativista dos direitos humanos, perseguida pela polícia nas ruas de Luanda, o que causa grande inquietação a Lelena. Uma noite, um intruso mascarado invade-lhes a casa, armado com uma catana. Um encontro como nunca elas poderiam ter imaginado. NAYOLA é uma história de amor, pulsações dos laços inquebráveis da maternidade, e uma canção de esperança num mundo melhor que nenhuma guerra é capaz de destruir. O último filme de José Miguel Ribeiro, baseado na peça *A Caixa Preta*, de José Eduardo Agualusa e Mía Couto. O filme está programado numa sessão “Cinemateca Júnior – Sábados em Família» (ver pág. 02). Primeira exhibição na Cinemateca.

► Sábado [31] 18h30 | Sala Luís de Pina

A ILHA DOS CÃES

de Jorge António
com João Cabral, Ângelo Torres, Nicolau Breyner, Ciomara Morais
Angola, 2017 – 80 min | M/12

COM A PRESENÇA DE JORGE ANTÓNIO E ÂNGELO TORRES

Inspirado no romance *Os Senhores do Areal* do escritor angolano Henrique Abranches, A ILHA DOS CÃES marca o regresso de Jorge António à ficção, numa narrativa que cruza dois tempos, o do colonialismo português e o contemporâneo. “É um filme de género, um filme ancorado no fantástico, onde os cães que habitam a ilha do título, são uma espécie de criaturas de um outro mundo, de uma outra lógica, aparições fantasmáticas e terríveis sempre que há uma vingança a cumprir, uma justiça a pôr em ordem – e, no filme, ‘vingança’ e ‘justiça’ são irmãs siamesas.” (Jorge Leitão Ramos, *Expresso*) Primeira exhibição na Cinemateca.



COM A LINHA DE SOMBRA

Nos encontros entre filmes e livros que esta rubrica regular propõe, vamos ver este mês *LE CAMION*, de Marguerite Duras. Antes da sessão, às 18h00, tem lugar na livraria Linha de Sombra o lançamento de *Le Camion*, de Marguerite Duras, editado pela BCF Editores.

► Quinta-feira [15] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE CAMION

de Marguerite Duras

com Marguerite Duras, Gérard Depardieu

França, 1977 – 80 min / legendado eletronicamente em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Numa casa de campo, Marguerite Duras lê a Gérard Depardieu o projeto de um filme. Depardieu escuta-a quase mudo. A escritora profere frases como: “esta será a história de uma mulher de certa idade que terá pedido boleia e um camionista”; “a mulher terá falado bastante, terá cantado, terá expresso as suas opiniões políticas, terá falado de Karl Marx, terá mencionado como a sua filha acabara de ter um filho...”. No texto surgem ainda alusões às duras condições dos portugueses imigrados em França. Experiência limite em que, através de um filme, Duras nos revela um outro, nunca realizado. A exhibir em cópia digital.

A CINEMATECA COM O TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Fora de portas, assinalamos a exibição de *O GRANDE DITADOR*, de Charles Chaplin, no Teatro Camões, em colaboração com o Teatro Nacional de São Carlos (TNSC), naquela que será a primeira de várias colaborações entre a Cinemateca e o TNSC previstas para esta e a próxima temporada do São Carlos. O filme de Chaplin será exibido nos dias 30 e 31 de maio, às 20h00 e 18h30 respetivamente, com acompanhamento musical ao vivo pela Orquestra Sinfónica Portuguesa, com direção musical de Timothy Brock, maestro e compositor norte-americano especializado no restauro e acompanhamento musical ao vivo de filmes mudos, que desta feita apresentará a adaptação da partitura do primeiro filme inteiramente sonoro do criador de Charlot.

► Sexta-feira [30] 20h00 | TEATRO CAMÕES

► Sábado [31] 18h30 | TEATRO CAMÕES

THE GREAT DICTATOR

O Grande Ditador

de Charles Chaplin

FILME-CONCERTO

Música Charles Chaplin

Restauro para interpretação ao vivo Timothy Brock

Direção musical Timothy Brock

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Charlot entra em guerra contra o fanatismo e a intolerância, e aparece pela última vez no ecrã no papel de um barbeiro judeu que tem um sócio. Nem mais nem menos do que o ditador do país, Adenoid Hynkel (e a referência não podia ser mais transparente). Um dia é confundido com ele e vai fazer um discurso às massas. Portugal esperou anos para ver este filme, de exibição então considerada pouco condicente com a “neutralidade” do nosso país.

MAIS INFORMAÇÕES: [HTTPS://WWW.SAOCARLOS.PT/](https://www.saocarlos.pt/)

A CINEMATECA COM O FIMFA LX25

A Cinemateca junta-se, de novo, ao FIMFA – Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas, que decorre em vários locais em Lisboa durante o mês de maio. Este ano esta colaboração apresenta dois filmes: *E.T.: THE EXTRA-TERRESTRIAL*, integrado na programação da Cinemateca Júnior, e *LE GRAND CHARIOT*, de Philippe Garrel.

► Terça-feira [13] 19h00 | Sala M. Félix Ribeiro

LE GRAND CHARIOT

Retrato de Família com Teatro de Marionetas

de Philippe Garrel

com Louis Garrel, Damien Mongin,

Esther Garrel, Lena Garrel

Suíça, França, 2023 – 98 min / legendado em português | M/12

SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Se a família Garrel “é como um circo” em que todos estão envolvidos no ofício – como diz o próprio Philippe Garrel – então talvez *LE GRAND CHARIOT* seja o expoente máximo desse cinema que vive relações reais através da ficção, e se expande para além delas. Entre o peso da tradição e o desejo de reinvenção, três irmãos – interpretados precisamente pelos três filhos do realizador –, tentam dar continuidade ao teatro de marionetas que herdaram. Numa homenagem ao pai, Maurice Garrel – que foi marionetista antes de ser actor – Philippe Garrel filma um retrato da passagem de tempo, da fragilidade dos laços e da persistência dos gestos criativos – e este gesto foi reconhecido com o Urso de Prata de Melhor Realizador no Festival de Berlim de 2023. Primeira exibição na Cinemateca.



E.T., THE EXTRA-TERRESTRIAL

► Sábado [17] 15h00 | Sala M. Félix Ribeiro

E.T., THE EXTRA-TERRESTRIAL

E.T., O Extra-Terrestre

de Steven Spielberg

com Dee Wallace, Henry Thomas, Peter Coyote,

Robert MacNaughton, Drew Barrymore

Estados Unidos, 1982 – 115 min / legendado em português | M/6

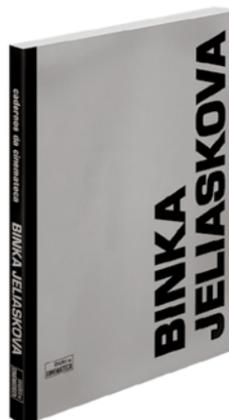
SESSÃO COM APRESENTAÇÃO

Um dos mais célebres filmes de ficção científica jamais feito é também um belíssimo “conto de fadas”, materializado pela magia de Steven Spielberg. Num cenário de história de fadas (a nave “chaleira”, as bicicletas voadoras, a noite do Halloween), Spielberg conta a história de um pequeno alien esquecido na Terra e que se refugia numa casa onde as crianças o escondem e o ajudam na sua odisséia para regressar a casa. Um deslumbramento. O filme está programado numa sessão “Cinemateca Júnior – Sábados em Família” (ver pág. 02).



LE GRAND CHARIOT

ÚLTIMAS EDIÇÕES



02 SEXTA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

DIFERENTE
de Luis María Delgado

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA
BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

ZHIVOTUT SI TECHE TIHO...
de Binka Jeliaskova, Hristo Ganev

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

IRACEMA, UMA TRANSA AMAZÔNICA
de Jorge Bodanzky, Orlando Senna

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

A BYAHME MLADI
de Binka Jeliaskova

03 SÁBADO

15H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CINEMATECA JÚNIOR / SÁBADOS EM FAMÍLIA

WHALE RIDER
de Niki Caro

17H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

PRIVARZANIYAT BALON
de Binka Jeliaskova

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

LES LÈVRES ROUGES
de Harry Kümel

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

POSLEDNATA DUMA
de Binka Jeliaskova

05 SEGUNDA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

BASEYNAT
de Binka Jeliaskova

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

IRACEMA, UMA TRANSA AMAZÔNICA
de Jorge Bodanzky, Orlando Senna

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

DIFERENTE
de Luis María Delgado

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

GOLYAMOTO NOSHTNO KAPANE
de Binka Jeliaskova

06 TERÇA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

ZHIVOTUT SI TECHE TIHO...
de Binka Jeliaskova, Hristo Ganev

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

KHAKE SAR BEH MOHR
de Marva Nabilí

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / CHARLIE SHACKLETON

FEAR ITSELF
de Charlie Shackleton

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / CHARLIE SHACKLETON

ZODIAC KILLER PROJECT
de Charlie Shackleton

07 QUARTA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

A BYAHME MLADI
de Binka Jeliaskova

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / CHARLIE SHACKLETON

BEYOND CLUELESS
de Charlie Shackleton

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA
BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

LICE I OPUKO
de Binka Jeliaskova

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / CHARLIE SHACKLETON

FEAR ITSELF
de Charlie Shackleton

08 QUINTA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

PRIVARZANIYAT BALON
de Binka Jeliaskova

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / CHARLIE SHACKLETON

SESSÃO DE CURTAS-METRAGENS
de Charlie Shackleton

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA
BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

BASEYNAT
de Binka Jeliaskova

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

CAFÉ FLESH
de Stephen Sayadian

09 SEXTA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA
BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

POSLEDNATA DUMA
de Binka Jeliaskova

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

KHAKE SAR BEH MOHR
de Marva Nabilí

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

GOLYAMOTO NOSHTNO KAPANE
de Binka Jeliaskova

21H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / CHARLIE SHACKLETON

THE AFTERLIGHT
de Charlie Shackleton

10 SÁBADO

15H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CINEMATECA JÚNIOR / A CINEMATECA COM INDIELISBOA / BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

NANI-NA
de Binka Jeliaskova

17H00 | **ESPLANADA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA
CHARLIE SHACKLETON

CONVERSA COM CHARLIE SHACKLETON

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / CHARLIE SHACKLETON

ZODIAC KILLER PROJECT
de Charlie Shackleton

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA
BINKA JELIASKOVA: A LUTA É UM MURMÚRIO

NOSHTEM PO POKRIVITE
de Binka Jeliaskova

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM INDIELISBOA / DIRECTOR'S CUT

LES LÈVRES ROUGES
de Harry Kümel

12 SEGUNDA-FEIRA

16H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

FRONT PAGE WOMAN
de Michael Curtiz

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO

SOFIA E A EDUCAÇÃO SEXUAL
de Eduardo Geadá

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ

MAMMY
de Michael Curtiz

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA

PIERROT LE FOU
de Jean-Luc Godard

13 TERÇA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA

SCARLET STREET
de Fritz Lang

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | A CINEMATECA COM O FIMFA
LE GRAND CHARIOT
de Philippe Garrel

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO

DAMAS AO BUFETE LISBOA, O DIREITO À CIDADE
de Eduardo Geadá

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
NIGHT AND DAY
de Michael Curtiz

14 QUARTA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE BREAKING POINT
de Michael Curtiz

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA

STROMBOLI TERRA DI DIO
de Roberto Rossellini

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE WOMAN FROM MONTE CARLO
de Michael Curtiz

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
WHITE CHRISTMAS
de Michael Curtiz

15 QUINTA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA

STRANGERS ON A TRAIN
de Alfred Hitchcock

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | COM A LINHA DE SOMBRA
LE CAMION
de Marguerite Duras

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO

MULHERES DE BARBA RIJA O FUNERAL DO PATRÃO
de Eduardo Geadá

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
BRIGHT LEAF
de Michael Curtiz

16 SEXTA-FEIRA

15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE HANGMAN
de Michael Curtiz

19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO

A SANTA ALIANÇA
de Eduardo Geadá

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
LITTLE BIG SHOT
de Michael Curtiz

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
SKALAVENKÖNIGIN
de Michael Curtiz

17 SÁBADO

15H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CINEMATECA JUNIOR / A CINEMATECA COM O FIMFA

E.T. THE EXTRATERRESTRIAL
de Steven Spielberg

17H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA

GENTLEMEN PREFER BLONDES
de Howard Hawks

19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
GOD'S GIFT TO WOMEN
de Michael Curtiz

21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE WOMAN FROM MONTE CARLO
de Michael Curtiz

19 SEGUNDA-FEIRA

- 16H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
WHITE CHRISTMAS
de Michael Curtiz
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | KULTURFEST
SOLO SUNNY
de Konrad Wolf
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO
O BANQUEIRO ANARQUISTA
O HOMEM QUE NÃO SABE ESCREVER
de Eduardo Geda
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
LE NOTTI DI CABIRIA
de Federico Fellini

20 TERÇA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
L'AVVENTURA
de Michelangelo Antonioni
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | KULTURFEST
STERNE
de Konrad Wolf
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE BREAKING POINT
de Michael Curtiz
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | KULTURFEST
DER GETEILTE HIMMEL
de Konrad Wolf

21 QUARTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
GENTLEMEN PREFER BLONDES
de Howard Hawks
- 17H30 | **ESPLANADA** | EDUARDO GEADA, O OLHAR DO DESEJO
CONVERSA COM EDUARDO GEADA
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
MY DREAM IS YOURS
de Michael Curtiz
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO
MARIANA ALCOFORADO
RITUAL DOS PEQUENOS VAMPIROS
de Eduardo Geda
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
FEMALE
de Michael Curtiz

22 QUINTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
VIRIDIANA
de Luis Buñuel
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
DER JUNGLE MEDARDUS
de Michael Curtiz
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO
RETRATOS DA MADEIRA: VIRGILIO TEIXEIRA
IMPOSSÍVEL EVASÃO
de Eduardo Geda
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
THE HANGMAN
de Michael Curtiz

23 SEXTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
LE NOTTI DI CABIRIA
de Federico Fellini

- 18H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | SESSÃO ESPECIAL MUHNAC
GUINÉ, BERÇO DO IMPÉRIO 1446-1946
de António Lopes Ribeiro
ADEUS, ATÉ AO MEU REGRESSO
de António Pedro Vasconcelos
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO
SAUDADES PARA DONA GENCIANA
de Eduardo Geda
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
DOCTOR X
de Michael Curtiz

24 SÁBADO

- 15H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CINEMATECA JÚNIOR
A IDADE MAIOR
de Teresa Villaverde
- 17H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING
LA CAPTIVE
de Chantal Akerman
- 19H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING
CONVERSA SOBRE O CINEMA DE CHANTAL AKERMAN
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
FEMALE
de Michael Curtiz
- 22H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
MAMMA ROMA
de Pier Paolo Pasolini

26 SEGUNDA-FEIRA

- 16H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
GOD'S GIFT TO WOMEN
de Michael Curtiz
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING
GOLDEN EIGHTIES
de Chantal Akerman
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
NIGHT AND DAY
de Michael Curtiz
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
LITTLE BIG SHOT
de Michael Curtiz

27 TERÇA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
PIERROT LE FOU
de Jean-Luc Godard
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
STREET OF NO RETURN
de Samuel Fuller
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
FRONT PAGE WOMAN
de Michael Curtiz
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING
JEANNE DIELMAN, 23, QUAI DU COMMERCE, 1080
BRUXELLES
de Chantal Akerman

28 QUARTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
CARTA BRANCA
PERSONA
de Ingmar Bergman
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | EDUARDO GEADA
O OLHAR DO DESEJO
PASSAGEM POR LISBOA
de Eduardo Geda
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
MY DREAM IS YOURS
de Michael Curtiz

- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING
TOUTE UNE NUIT
de Chantal Akerman

29 QUINTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
KING CREOLE
de Michael Curtiz
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING
HOTEL MONTEREY
de Chantal Akerman
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
BRIGHT LEAF
de Michael Curtiz
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA
FROM LUANDA... WITH LOVE
de Jorge António
CECI N'EST PAS UNE PORTE
de João Paulo Amaro
AXILUANDA
de Rita GT
PAISAGENS PROPÍCIAS
de Jorge António & Graça Castanheira
ALAMBAMENTO
de Mário Bastos (Fradique)
O GATO PRETO
de Jorge António

30 SEXTA-FEIRA

- 15H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
DOCTOR X
de Michael Curtiz
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CHANTAL AKERMAN, TRAVELLING
NEWS FROM HOME
de Chantal Akerman
- 19H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA
PARA LÁ DOS MEUS PASSOS
de Kamy Lara
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA
MIRADOURO DA LUA
de Jorge António

31 SÁBADO

- 15H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | CINEMATECA JÚNIOR
SÁBADOS EM FAMÍLIA
NAYOLA
de José Miguel Ribeiro
- 18H30 | **SALA LUÍS DE PINA** | NOS 30 ANOS DO MIRADOURO DA LUA
A ILHA DOS CÃES
de Jorge António
- 19H00 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
MAMMY
de Michael Curtiz
- 21H30 | **SALA M. FÉLIX RIBEIRO** | TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ
KING CREOLE
de Michael Curtiz



Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema, I.P.
Rua Barata Salgueiro, 39 – 1269-059 Lisboa, Portugal
Tel. 213 596 200 | cinemateca@cinemateca.pt
www.cinemateca.pt

PROGRAMA SUJEITO A ALTERAÇÕES

Preço dos bilhetes - 3,20 €
Estudantes/Cartão jovem, Reformados e Pensionistas > 65 anos - 2,15 €
Amigos da Cinemateca/Estudantes de Cinema - 1,35 €
Amigos da Cinemateca / marcação de bilhetes: tel. 213 596 262
Horário da bilheteira: 14h30-15h30 e das 17h30-22h00 | Sábados 14h00-21h30
Informação diária sobre a programação em www.cinemateca.pt
Classificação Geral dos Espetáculos: IGAC
Rua Barata Salgueiro, 39 - 1269-059 Lisboa | www.cinemateca.pt

BIBLIOTECA

Segunda-feira/Sexta-feira, 14h00 - 19h30

ESPAÇO 39 DEGRAUS

Livraria LINHA DE SOMBRA | Segunda-feira/Sábado, 14h00 - 22h00 (213 540 021)
Restaurante-Bar, Segunda-feira/Sábado, 12h00 - 01h00
Transportes: Metro: Marquês de Pombal, Avenida
Bus: 736, 744, 709, 711, 732, 745
Disponível estacionamento para bicicletas

VENDA DE BILHETES

BILHETEIRA LOCAL (ed. Sede – Rua Barata Salgueiro, nº 39)
Segunda a Sexta-feira, 14h30-15h30 e das 17h30-22h | Sábados 14h-21h30

BILHETEIRA ON-LINE www.cinemateca.bol.pt

MODOS DE PAGAMENTO DISPONÍVEIS: Multibanco (*) – MB Way – Cartão de Crédito – Paypal (**)
(*) O pagamento através de Referência Multibanco tem um custo adicional de 0,50€ para montantes inferiores a 10,00 €
(**) O pagamento através de Paypal tem um custo adicional de 0,40€ para montantes inferiores a 30,00€

A aquisição de bilhetes em www.cinemateca.bol.pt e nos pontos de venda aderentes tem custos de operação associados no valor de 6%, acrescidos de IVA, sobre o valor total da compra.

MAIS INFORMAÇÕES: <https://www.bol.pt/Ajuda/CondicoesGerais>

PONTOS DE VENDA ADERENTES (consultar lista em <https://www.bol.pt/Projecto/PontosVenda>)